

Visconde de Pedra Branca

(Domingos Borges de Barros)

OS TUMULOS

(1825)

4.^a EDIÇÃO

com um estudo sobre o poeta,
precursor do romantismo.



Publicações da Academia Brasileira

Rio - 1945

OS TUMULOS



Visconde de Pedra Branca

(Domingos Borges de Barros)
(1770-1855)

Visconde de Pedra Branca

(Domingos Borges de Barros)

OS TUMULOS

(1 8 2 5)

4.^a EDIÇÃO

com um estudo sobre o poeta,
precursor do romantismo



Publicações da Academia Brasileira

Rio - 1945



5192

CL. 1946



14.488

1964

B 869.1

UM PRECURSOR DO ROMANTISMO

Já de outra vez — “*Breviário da Bahia*”, Rio, 1945, p. 169 — reivindiquei para Domingos Borges de Barros, Barão, depois Visconde de Pedra Branca, o título de precursor do romantismo. Aqui vai a prova, com a notícia de sua vida e suas obras. (1)

(1) Visconde *de* ou *da* Pedra Branca? No “Album” de Sisson vem, assinatura autografa, *de*, reproduzida na capa e no retrato, desta edição. Entretanto, com o tempo, foi tendendo para *da*, tanto que Mello Moraes, na edição d’*Os Tímulos*, em 1850, é assim que se refere a seu amigo, e não é possível que lhe errasse o nome, até transcrevendo carta assinada por êle... Em todos os papéis de Borges de Barros encontra-se essa variedade.

Aliás, a intrusão do determinativo, é co-

*

Nasceu Domingos Borges de Barros do Sargento-mor Francisco Borges de Barros e de D. Luiza Clara de Santa Rita Borges, senhores do engenho São Pedro, da freguezia do Rio Fundo, comarca de Santo Amaro da Purificação, na depois província da Bahia, a 10 de Dezembro de 1779. Fez primeiros estudos na terra natal, depois secundários em colégio de Lisboa, finalmente na Universidade de Coimbra, onde se matriculou em Filosofia — era, então, Ciências naturais — a 3 de Outubro de 1800, formado bacharel, ou licenciado, a 6 de Julho de 1804.

mum a nós, em portugûês: do Cabo *de* Boa Esperança, de D. João II, e velhos cronistas, chegou-se, hoje, ao Cabo *da* Boa Esperança, de toda a gente... Não assim Espanhoes e Ingleses, que continuam: *Cabo de Buena Esperanza*, *Cape of Good Hope*...

Desde cedo se dera às letras, havendo nas suas obras tradução de versos de Parny, “estando o autor ainda no coleto”, datados de Lisboa 1801. Nessas obras vem uma resposta dada por uma “indiana”, do Orenoque, ao jesuita Guilla, que a repreendia por haver morto a filha (Raynald), de 1803, na qual se expõe a condição social da mulher, desprezada, escrava no trabalho, sofrida, vendo os companheiros livres e folgados, a caçar, pescar, guerrear, dançar e beber, e “nós com um filho às costas, outro aos peitos”. Se lhe houvessem feito o mesmo que à filha fez

Não teria do mal sofrido tantas
O peito dores, lagrimas os olhos.

É já a vocação do poeta, nessa resposta, a um reconto de Raynal.

Versos de 1804, 5, 6, 7, 8, 9..., ordinariamente traduções, do grego, do latim, do francês, do italiano... de Safo, Vergílio, Delille, Parny, Voltaire, La Fontaine, Metastasio. Estava já em 1806 em Paris, senão de pouco antes: aí ficaria retirado, senão detido, pois a Invasão francesa, da Península, será de 1808.

Já em 1809, ao Pai, fala de "horrido desterro" e diz, desalentado:

Nunca mais vos verei, ó pai, ó pátria:
Sofra-se antes a morte, do que a infamia
Dos despotas, aos pés, curve a baixeza.

(I, 60).

Alusão a Napoleão que o retinha, em guerra com Portugal. Rico na sua terra, chegou aí à necessidade

Em Paris, certo tempo sem seítel
Vivia certo moço do Brasil.

(I, 87).

Tomou por empréstimo:

Que deveo por um tempo a certo amigo
Mal de escaça mesada havia a soma

(I, 88).

Como soubesse bem a lingua da
terra, para algum proveito, empreen-
deu um *Dicionário francês-português*,
de que falaremos.

Em 1809 registra, como filho bas-
tardo, a Alexandre Sebastião, havido
de Francisca Elisabeth Dermé, que de-
sejara legitimar e, mais tarde, fará pro-
cesso, por isso. (2)

(2) *Acção de filiação e petição de heran-
ça intentada por Alexandre Sebastião Borges
de Barros, contra o Conde e Condessa de Bar-
ral, etc., Bahia, 1858, um vol. 220 pags. (pu-
blicação judiciária, para a Relação da Bahia).*

De uma “ode a meu pai”, sabe-se que foi feita ao fugir de França, em 1810:

Posso inda ser feliz! á patria posso
Dar os trabalhos meus, ao pai desvelos
Amizade aos amigos.

(I, 8).

A Guerra Peninsular continuava. O déspota se irritava com o único que lhe escapara às garras, D. João, refugiado no Brasil. Mas, em 10, casa Napoleão com Maria Luisa, está em paz com quasi toda a Europa, e propenso à indulgência. Dêsse estado de espírito se prevaleceu o poeta, para fugir aos Estados Unidos, meio unico de chegar ao Brasil. Embarca no brigue “*Gale-no*”, o que lhe inspira um epigrama humouristico:

Em tão miserando estado
Pôs-me da Europa o terreno,
Que para tornar á patria
Foi-me preciso um Galeno.

(I, 88).

Em 1811, por uma tradução de Vergilio sabe-se que está “no mar”, rumo a Nova York. A Marcia, a amada, diz, de Filadelfia, em 11:

Sim! inda existo, o peito inda me inflama

(I, 17).

Deve ser uma bahiana, porque lhe chama “meu bem”, embora infidelidades triviais, “fazendo de conta”:

Se amo de Nise os olhos, são teus olhos,
Se de Tirseu o corpo, são teus modos
Que nelas vendo adoro.

(I, 18).

É bem assim; porquê numa “ode à beleza”, a Mlle. B., filha de Guadelupe, datada de Nova York, 1811:

Em roupas de manhã deixando o leito
Antes que o toucador te insulte encantos
Qual leda madrugada
Quasi despida, destoucada Venus,
Ante as rivais no Ida, se apresenta
E Páris não balança

Quanto mais nua, tanto mais agradas.

(I, 20).

Pudera! Em Nova York e Filadelfia, versos ainda. Mas, nesse mesmo 11, vem dos Estados Unidos à Bahia, onde o prendem... Por quê? Talvez, procedência de França... em guerra. Não seria prisão infamante, pois a declara, e não se desculpa. Há um poema “estando o autor preso na cadeia da Bahia, 1811”. Conta que deixou pai, irmão, pátria... por climas estra-

nhos, França, Belgica, Holanda, Alemanha, Inglaterra, oferecendo “lustro quatro d’estudo e penas” e

E’ crível, pode ser! ó Rei, ó Patria
Os ferros oiço qu’annunção crime

(I, 112).

Arrastar podem a inocencia aos cárceres

(I, 113).

Em seguida, outro poema “aos amigos”, estando o autor na Bahia preso a bordo do brigue “*Tamerlão*” e a partir para o Rio de Janeiro, onde é solto, continuando a poetar.

Em 12, no Rio, poesia, uma ode a Gertruria :

Tem cada modo seu diverso agrado
Graciosa rindo, bela quando fala
Sempre, sempre adoravel.

(I, 28).

Numa ode, dêsse ano, a um amigo,
no Rio, diz:

Quando foi crime o são patriotismo?

(I, 29).

que dá uma nesga de véu descoberto, à
sua desventura.

Nesse 12, se publicava, em Paris,
o seu "*Diccionario francez-portuguez e
portuguez-francez*", 2 vols., in-8.º, sem
nome do autor, obra lá deixada, traba-
lho do exilio, para viver. Sacramento
Blake diz que, prontamente, Balbi e
outros afirmaram, desde logo, a auto-
ria. No seu livrinho de versos, versos
a amigo, datados de Paris, 1810, exis-
te uma nota: (1) Fazia então o autor
o dicionario francez-portuguez, um
maldito dicionario" que justifica a nota
à pagina 99 do t. I das "*Poesias*".

Quando saiu publicado, em 1812, já o autor não estava presente.

Em 1813 publica no Rio, traduzido do francês, 40 paginas, in-8º, na Imprensa Regia, o poema de Legouvé, do Instituto de França: "*O merecimento das mulheres*", "a pedido de algumas senhoras que se havião agasto (sic) com a tradução de Pope, pelo Marquez de Aguiar". Feminista contra misógino. O poeta usa de sua enigmática inicial B... (Borges de Barros), que, em 2.^a edição, figurará no volume das "*Poesias*", já oferecido "a minha esposa", com alguma indiscrição:

Corpo de graças mil, compendio lindo!

(II, 134).

Essa 2.^a edição tem um prefácio no qual declara que, lendo a obra inti-

tulada: *Dedução philosophica da desigualdade dos sexos e seus direitos politicos por natureza*, objeto de indicação às Cortes, em 1822, para que as mulheres pudessem votar, quis o autor “apanhar a luva” e publicar sua contribuição, êsse poema traduzido. Teve aplauso, da Marqueza de Alorna, a poetisa portuguesa Alcipe, então Condessa de Oyenhausem... e outras. Borges de Barros, *felix culpa*, sempre gostou das mulheres.

No Rio colabora n’*“O Patriota”*, assinando o seu B..., memórias sobre o urucú, o café, muros de apôio ou sustento à terra, meios de enxugar ou esgotar as terras inundadas...

De 1813, partindo para a Bahia nessa data, há algumas poesias com essa indicação cronológica: “indo do Rio de Janeiro para a Bahia”. E os versos vão marcando anos sem maior, até muito

depois. Casou, em 20 de Maio de 14, na Bahia, com D. Maria do Carmo de Gouvêa Portugal, de 19 anos (êle com 35), já viuva do Coronel Manoel Ferreira de Andrade, ricamente dotada. É a Marilia de seus versos, pequena deformação do primeiro nome. Em 15 lhes nascia o primeiro filho, Domingos; em 17, a filha, Luiza.

Tornou à Europa, à atividade política, porquê eleito deputado da Bahia às Cortes de Lisboa. Daí, vendo os acontecimentos, coagido à marcha a ré que se pretendia do Brasil, escrevia Domingos Borges de Barros e seus companheiros bahianos, por Miguel Calmon du Pin e Almeida (o futuro secretário da Junta de Cachoeira, pela Independência, e futuro Marquez de Abrantes), carta política contra a recolonização pretendida do Brasil, e pela revolução da liberdade, carta lida a 25 de

Junho de 1822, na casa do Desembargador Araujo Gondim, na presença de ricos-homens do Reconcavo. É o primeiro vagido da Independência, primeiro dos acontecimentos, dêsse ano, que vai ao 7 de Setembro, no Ipiranga.

A 23 de Setembro, entretanto, em Portugal, ainda não se sabe da maioria do Brasil, aqui declarada, e Borges de Barros, com outros 33 deputados brasileiros, firma a Constituição Política da Monarquia Portuguesa...

Mas a Independência é um fato e Portugal se conformará. Borges de Barros é mandado de Lisboa a Paris, para conseguir o reconhecimento do Império, do Governo de França. Fôra nomeado encarregado de negócios em 24 de Novembro de 1823. Missão difícil, pois Portugal pertencia à Santa Aliança e só depois de 1825, após os

bons ofícios de Canning e Stuart, seria possível o reconhecimento da Independência. Borges de Barros só a 11 de Fevereiro de 26 apresentaria ao Ministro de Estrangeiros, Barão Damas, suas credenciais, reconhecidos a Independência e o Império no Rio, desde 24 de Outubro de 25, entrando o Conde de Gestas em relações com o governo de Pedro I, para o tratado de amizade e comércio de 8 de Janeiro de 26. Borges de Barros foi agraciado com o título de Barão de Pedra Branca.

Ficou no seu Paris, ministro do Brasil. O filho ilegítimo, alegando ser brasileiro, pedia a Pedro I o lugar de secretário do pai, o que foi conseguido, chamando-se Alexandre Sebastião Borges de Barros. Os legítimos cresciam e conviviam fraternalmente com o outro, adotado pela bôa Dona Maria do Carmo, que permitia chamar-se "maman".

Eis porém que no começo de 25, a 5 de fevereiro, com dez anos, falece em Fontenay-aux-roses o pequeno Domingos, causa do poema dos "*Os Tumulos*", já impresso, parte, na "*Poesias*", que trazem esta data de 1825.

No Brasil, — mau grado seu, porquê quisera ficar na Europa, como ficou, a educar primorosamente a filha, a "Yayá", para a qual desejava grande partido, e que viria a ser Condessa de Barral, — elegeram-no Senador, pela Bahia. Veiu em lista o seu nome, com o do prestigioso Felisberto Caldeira Brant Pontes, Marquês de Barbacena, que havia muito habitava a província, casado com bahiana, de grande fortuna. Pedra Branca foi entretanto, ausente, o escolhido, a 22 de Janeiro de 26. Nem para tomar posse veiu ao Rio. Que esperassem: Paris valia bem mais...

Intervem, em 1829, na escolha e aceitação de D. Amélia de Leuchtenberg, para segunda imperatriz do Brasil, a posto Meternich para impedi-lo, vingando os manes da maltratada arquiduquesa D. Leopoldina, sem muito geito incumbido Barbacena da empreitada. Pedra Branca marcou, com a sua experiência européia, mais uma pedrinha branca. — S. M. o Sr. Dom Pedro fica rendido de gratidão — não era muito nobre o sangue, mas Dom Pedro preferia mulher bonita e Pedra Branca era entendido — e lá vêm as mercês. Grã-cruz de Cristo, dignatário da Rosa, elevado o Barão a Visconde de Pedra Branca.

Só a 18 de Junho de 1833, viria o Senador Domingos Borges de Barros tomar posse no Senado, sob a Regência, sem muito entusiasmo. Orou, agradecendo a investidura, não tornando mais,

até que, em 55, abria vaga para Angelo Moniz da Silva Ferraz, Barão de Uru-guaiana.

Pedra Branca tornara à Europa, a completar a educação da filha ou, à europeia, a colocação dela, prometida a Miguel Calmon, depois Marquês de Abrantes, — gabando-se Barbacena que também lhe falaram, para o filho. Mas os pais põem, e os filhos dispõem. Casará a prendada Yayá, com o Visconde de Barral, a 19 de Abril de 37. Eugenio, Visconde, depois Conde de Barral é, por linha materna, Beauharnais: a avó era irmã do pai do Príncipe Eugenio, o filho de Josephina (depois Imperatriz dos Franceses) e, pai de Amélia (depois Imperatriz do Brasil). Aos lados, Napoleão, segundo marido de Josephina, e Pedro I, casado com Amélia, em segundas núpcias. Com o pendor nobiliárquico do tempo,

Pedra Branca não poderia estar mais contente. (1) A Condessa de Barral seria mais tarde distinguida por D. Pedro II, com a escolha para preceptora

(1) Foi precisamente assim. Um Barral foi, no século XVIII, casado com uma Beauharnais: um neto deles será o marquês Alexandre Beauharnais, que se casa com Josefina Tascher de la Pagerie (depois, morto o marido pelo Tribunal Revolucionário, Mme. Bonaparte e imperatriz dos Franceses). Deste casal provém Eugenio de Beauharnais aliado a Augusta de Baviera, dos quais proveio Amélia, segunda imperatriz do Brasil.

Um primo destes Barral-Beauharnais será Jean Horace Eugène de Barral, nascido em 1812, casado em 37 com Luisa Margarida de Barros da Pedra Branca, filha do Visconde de Pedra Branca. Deles é neto o actual Conde de Barral, Jean Dominique Eugène, também Marquês de Montferrat.

Domingos Borges de Barros, Barão depois Visconde de Pedra Branca, provinha de Portugal, de Damdurão, de São Tomé das Lamas, vila de Cadaval, arcebispado de Lisboa casando o Capitão João Borges de Macedo, na Bahia, no meado do século XVII, com D. Maria de Barros, filha do português Salvador Vieira de Braga. Deles descende o

das Princesas, e teve o maior prestígio que educação e dignidade podem dar, numa Côrte. Modelo de grande dama. Filha e genro vinham nas férias européas e se recolhiam ao encanto do engenho na Bahia. Conta-se que Barral só podia compreender a vida: “à Paris ou à St. Jean”... Teria razão.

Pedra Branca, no fim dessa estadia na Europa, pensaria na Bahia. Quisera uma máquina, um “maquinismo” diz êle, em 36-37, para subir e descer a montanha, com uma linha de onibus na cidade alta e outra na baixa, conduzindo pessoas do e para o “maquinismo”, isto é, aquilo que foi depois o Plano Inclinado, no lugar do antigo

Coronel Domingos Borges de Barros, que tem um filho do mesmo nome, capitão de infantaria, cujo filho Francisco Borges de Barros, também capitão de infantaria, será pai de Domingos Borges de Barros, barão, depois Visconde de Pedra Branca.

Guindaste dos Padres. Tirara, para isso privilégio, e queria requerer, à Assembléa Provincial, prorrogação do prazo, pois diligenciava o financiamento e planos técnicos na Europa, e, na Bahia ultimaria *in-situ* os detalhes práticos. Êste plano-inclinado, que escapou de chamar-se “Princesa Isabel”, de que o privou a queda da Monarquia, com justiça podia ser “Visconde de Pedra Branca”, como sugere, merecidamente, Wanderley Pinho.

Nos seus engenhos, morta a esposa, casada a filha, envelheceria, lentamente, Pedra Branca. As velhas poesias lhe recordariam sua vida, bem vivida, sem sobressaltos, mas honrada e concluída. Mello Moraes o convenceu de publicar o que faltava, da primeira edição, d’*Os Tumulos*, que saiu em definitiva, da Livraria Poggetti, em 1850. A 25 de Março de 1855 falecia o Visconde de Pedra

Branca, rico homem de talento e bene-
merência, sem maior renome, como poeta
de alguns versinhos, nas antologias...

*

Entretanto, é, daí, que agora parte
para esta reivindicação: a de precursor
do romantismo... É o que vamos pro-
var, fàcilmente.

*

Na sua estadia em França, ao fim
da sua vida pública, Domingos Borges
de Barros cuidou de si. Publicou dois
livrinhos, in-32, "Poesias oferecidas às
Senhoras Brasileiras por um Bahiano".
Tomo primeiro e tomo segundo. Datadas
de "Paris, *chez Aillaud Libraire*, Quai
Voltaire, n.º 21, MDCXXXV". Rete-
nhamos a data: "1825". Hoje são êsses

livrinhos raríssimos. Sem autoria declarada, o que dificulta a catalogação e a pesquisa. A Biblioteca Nacional não os possui. Encontramo-los na do Gabinete Português de Leitura, do Rio de Janeiro. Bem haja!

A identificação, a autoria, de Domingos de Barros, é fácil. O “bahiano” é o mesmo B..., Borges ou Barros, inicial dos dois nomes de família, com que assinou o “*Dicionario*”, os artigos d’“*O Patriota*”, o poema traduzido de Legouvé, na primeira edição em 1813, no Rio, e na segunda, no II tomo, das “*Poesias*”, em 1825. O poeta não dissimula o nome dos seus amigos, amizades literárias, Filinto Elísio em Paris e Alcipe (Marquesa de Alorna), em Lisbôa. Finalmente, a impressão autorizada d’“*Os Tumulos*”, na Bahia, em 1850, completa a que saiu no II tomo das “*Poesias*”, p. 193-202. B..., B..., D. B. de B..., “um ba-

hiano”, são disfarces de Domingos Borges de Barros, Barão, depois Visconde de Pedra Branca. O “*Dicionario de Pseudonimos*”, de Tancredo de Paiva, mestre bibliógrafo, como outros, não fazem a menor dúvida. Não pode haver.

*

Romantismo em 1825, dirá algum inconsiderado, não pode ser... Se o prefácio de “Cromwell” é de 1827... se está assentado: França, Hugo, 1830...

Ignorância, ou vista curta. O Romantismo, nas suas origens, vem de longe, de muito mais longe. Veio da decadência do classicismo, a que substituiu, e às suas degenerações, a saber: mais ou menos, o *clássico*, no século XVI, o *barrôco* ou *cultismo*, no XVII, o *arcadismo* ou *academismo*, no XVIII,

para meter tudo numa centúria, como o *romantismo*, no XIX, por isso havido por *le stupide XIX^e siècle*, segundo Léon Daudet.

Isso é, porêm, artifício cronológico. A Revolução datou de si o ano I, como agora Mussolini, Hitler, Salazar... O mundo começa conosco. A filosofia que permitiu o Romantismo vem do século XVI... Vem de Locke, ou o "sensualismo".

Toda literatura, ou toda arte, ou toda sociedade tem a sua... filosofia, ou o seu sistema ou a sua moda espiritual. O "clássico" foi a ressurreição da antiguidade greco-romana, na Renascença, quando surgiram as modernas nações da Europa e se precisaram de modelos indiscutíveis e "neutros" e de uma lingua internacional ou comum, para se entenderem todos os homens, isto é, o grego e o latim, ditos, por isso,

“humanidades”, pois que os dialetos de França, Itália, Alemanha, Inglaterra, Espanha, Portugal eram particulares a êsses países e ainda não consagrados, pela literatura, como obras definitivas... Ainda hoje o latim é a lingua das ciências naturais, língua clássica... A filosofia “clássica” foi, no Renascimento, com a imprensa, o racionalismo, o cartesianismo, a filosofia de Descartes, que entronizou a razão, até que veio Locke, que pôs, no lugar, a sensibilidade, com o sensualismo.

Do sensualismo veio o romantismo. Condillac viria a exprimir a filosofia romântica, no aforismo: *Nihil est in intellectu quod prius non fuerit in sensu*. Da sensação, primeiro, para a razão, depois. O entusiasmo de um “clássico”, tornado romântico. Goethe, também do interséculo XVIII-XIX, viria à exclusividade: *Gefühl ist alles*, o sentimento

é tudo, dirá êle, no "*Faust*". Esta revolução espiritual ou filosófica virá a ser social, política, artística, literária. (Dir-se-á que o romantismo por assimilação, é a Revolução Francesa das letras.) E, então, como os "novos" são sempre jactanciosos, a época será chamada, na Inglaterra *Enlightenment*; na Alemanha *Aufklärung*; em França *les Lumières*, por opposição ao passado, antigo regime, atrazo ou obscurantismo.

Antes de Lamartine, Hugo, Musset, românticos de mais perto e, por franceses, mais perto de nós, houve, antes deles, românticos: Rousseau, avô dêsse romantismo e Chateaubriand e Mme. de Stael, os pais dêle... Mas não havia só França: Young, Walter Scott, Byron... contam, em Inglaterra; Schlaegel, Schiller, Goethe, na Alemanha; Monti, Foscolo, Manzoni, em Itália... e vai por aí.

Um professor de literatura, Daniel Mornet, pôde dizer: “A partir de 1760 as “almas sensíveis” são tão numerosas, quanto as “cabeças filosóficas”. O transbordamento da sensibilidade é mesmo mais amplo que os tropeços da filosofia.” Para concluir. “Assim nasceu o gosto romântico, cujo nome aparece e se impõe de 1760-1775 e que é dêsse momento certa maneira de compreender a natureza, natureza cheia de surpresas, alternativamente feroz e pacífica, sombria e luminosa, inspiradora de exaltações e de melancolias”. (D. Mornet, *Hist. de la Litt. et de la Pensée Française*, Paris, 1924, p. 160-2).

As características dêstes, como as de todos os inovadores, é o contrário justamente do que estava aceito e admitido. Não é mister original programa: basta a negação do precedente. O clássico é a razão, o romântico será o sen-

timento; o clássico obedece a regras, o romântico é a liberdade; um é pela tragédia e outro pelo drama; um trágico, ou cômico, o outro burlesco, mistura dos dois; êste pelo alexandrino heroico, com as três unidades clássicas, aquele o verso branco, a mistura dos ritmos, sem tempo, nem espaço, nem ação ordenados. Um é pela antiguidade, o outro pela idade-média ou pelo exotismo. E vai por aí, com as modas e os cacoêtes. Entre êles, são a considerar alguns.

O romântico é rebelde ao antigo regime, é rebelde, portanto, pela liberdade e pela igualdade, política e legal. Mais, é pela fraternidade moral. Saint Just, o feroz revolucionário, escreveu: "Os amigos abrem os túmulos uns dos outros, preparam o funeral um ao outro; com as crianças semeiam flores sobre êsses túmulos. Aquele que não crê na amizade, ou que não tenha amigos é



banido.” A amizade será tema romântico, como o amor. E todas as paixões serão românticas: a gratidão, a saudade, a ternura, a tristeza, a melancolia, a meditação... como a amizade: é o sensibilidade.

Definiu-se o romântico um sujeito que fala sempre de si. Esses sentimentos são pessoais e eram indiscretos: agora se publicam. E vai-se à publicidade. Nunca proliferaram mais as confissões, as memórias, as auto-biografias, os dados íntimos e pessoais... Em vez de antiguidade, idade-média, catedrais, castelos, cruzados: Walter Scott, ou então, o exotismo, os novos continentes, as viagens: Chateaubriand *et reliqua*...

Vinda de Inglaterra, chegara à França e Itália a moda do gênero sombrio, a noite, os agouros, os cemitérios... Young, o poeta romântico, é precursor, com as *Noites* e os *Tumulos*.

“O mundo que é? Um vasto túmulo”, diz êle. E como cavou o da filha, que viu morrer, vem, à noite, meditar nesse sepulcro. Os *Nights Thoughts*, pensamentos noturnos ou meditações da noite, tiveram uma voga extraordinária. Em França, Lamartine ficará com as “*Meditações*” e Musset com as “*Noites*”. Uma imitação em prosa, por Harvey, *Meditations among the tombs*, acentua o efeito de Young e excede em popularidade. Estas duas obras, diz Sir Edmond Gosse (*Littérature Anglaise*, 1925, Paris, p. 250), ocuparam a imaginação dos homens, durante perto de cem anos.”

Continúa a mania ou a moda... A *Elegy in a country Churchyard*, elegia num cemitério de aldeia, foi o poema mais característico do século XVIII e o direto precursor de Chateaubriand e de Lamartine” (Gosse, *op. cit.*, pág.

249). Essa retórica sepulcral (não apenas retórica: a obsessão tumular vai em Chateaubriand a construir o próprio, à beira-mar, na solidão do Grand Bé... onde jaz...) é expressa por Blair, em seu *The Grave*, o túmulo, considerada, há 150 anos, como a poesia por excelência (Gosse, *id.*, p. 250). Feutry, em França, comete, precisamente, *Les Tombeaux*. André Monglond, em livro de história literária (*Le Prérromantisme littéraire*, Paris, 1930, t. I, p. 169) chamará a êsse romantismo “literatura dos túmulos”. Em Itália vai aparecer: “*Noites romanas*”, de Alessandri Verri, e Leopardi entoará um “*Canto noturno*”. Ippolito Pindemonte começa um poema *I Cimiteri*, que não termina, porquê Ugo Foscolo está compondo outro, *I Sepolcri* (1807). Movimento ou moda generalizada: Castilho, em Portugal, entoou

tambem um "*Cantico à Noite*", e Soares de Passos um "*Noivado do Sepulcro*". Paul Van Thiegem, especialista em literatura comparada, poderia concluir: "a poesia da noite e dos túmulos, na Europa..." (*Le Prérromantisme*, Paris, 1924, p. 10). E não apenas na Europa: com o tempo para chegar ao Brasil, Alvares de Azevedo cometerá uma "*Noite na taverna*" e Castro Alves deixará fragmentos de um drama no Cemitério...

Que é que faz um poeta, nesse tempo, dessa moda, em Paris, onde todos os brasileiros ainda hoje fazem literatura, arte, modas, imitando-as ou tentando fazê-las? Foi o que Pedra Branca fez: em 1825 escreve e publica *Os Tumulos*... Não o túmulo do filho apenas, mas, a êsse propósito, meditações sobre os túmulos, precisamente o título, seguindo a moda literária. Em

1825. Antes do prefácio de “Cromwel”, de Hugo, de 27, antes da declaração internacional do romantismo, de Goethe, de 1831... É ou não o nosso Poeta, um precursor?

Tambem o foi o nosso José Bonifácio, com todas as notas outras românticas, provei-o, (*Poesias* de Americo Elisio, estereotipia do livro original, de Bordeos, 1825) logo no comêço dêsse ano. Um, exilado em Bordeaux, o outro, Pedra Branca, Ministro em Paris... ambos em pleno alvorecer do Romantismo... Ao Brasil, para os que não conheciam, da Europa, o movimento, êle só chegaria decadas depois...

Não só pelo “*Os Túmulos*” se revela Pedra Branca romântico, mas por outros modismos ou modas. A “noite” não lhe esquece. Nem a “amizade”, a qual lhe move o poema dêste título e constantes referências (vol. t. I, pags. 9,

41, 53, 271... etc.). Sabem-se de todos os "amigos" do poeta, pelas suas referências íntimas. O poeta confessa-se em cada poesia e dá indiscretos detalhes biográficos. Os românticos, revolucionários, seriam políticos: Pedra Branca refere-se a D. João, a D. Pedro I, a D. Leopoldina. E a Napoleão:

Despótico vulcão na Europa estoira
(I, 134).

e até, humouristicamente, ao "homem de capote"...

Quem julgava que um homem de capote
Por toda Europa fosse bloqueado?

(I, 89).

Como, romanticamente, esquecer a "cor local"? Ao seu manso, sereno, claro, Jacuipe, refere-se saudosamente. Os cocos não são esquecidos, nem "o chei-

roso ananaz o rei dos frutos”, aliás o abacaxi... “He matrona dos bosques a Jaqueira”. (Castro Alves virá meio século depois a chamar a uma índia — gentil matrona do deserto...) Destempêros românticos. Finalmente refere-se a heróis e heroínas românticos: Paulo e Virginia, Werther... Para terminar, a nota patriótica:

As mimosas feições, as lindas formas
Do viçoso Brasil...

(II, 187).

*

Pedra Branca era um homem brando, ameno, simples, bem educado. Seria moreno e bem tratado, pois que de si mesmo diz, do seu apuro:

Era tal que em saindo sempre ouvia
Este moiro, dizerem os vizinhos...

(I, 87).

Tinha os sentimentos mais ternos e nobres. Quisera reconhecer o filho, havido antes das núpcias, para dignificá-lo e faz por isso, mas, no testamento, não o chama "filho", com o escrúpulo de não fazê-lo participar da fortuna (senão de alguns legados), pois a riqueza era principalmente da mulher e devia caber apenas à filha; daí um processo de reivindicação que Pedra Branca quisera justamente evitar. Aos seus escravos é terno e carinhoso. No seu testamento declara: "Libertaria a todos os meus bons escravos, segundo os meus princípios, se dependesse somente de minha vontade." Liberta alguns, e faz, a outros, legados. Testemunho da época depõe: "Nas propriedades que visitei, tive ocasião de verificar que havia senhores duríssimos para com seus escravos e outros que eram antes os escravos de seus escravos. Entre

êstes últimos devo citar o visconde de Pedra Branca, pae da Snra. Viscondessa de Barral, que exerceu durante muito tempo funcções diplomaticas em Paris. Este bom e amavel velho só vive para seus escravos e só com medo de que êles sejam maltratados durante a sua ausência ele não se resolvera a seguir sua filha a Paris. Seus escravos começam o trabalho às 9 horas da manhã e largam às 3 horas da tarde. Cada um deles possúe uma porção de terra que escolhe onde quer e que cultiva quando e como bem entende. Cada um tem um cavallo. Alguns mesmo possuem mais de um, que alugam ao seu senhor. Possuem tambem bois, carneiros, etc... Ha o maximo cuidado com a saude desses escravos. Toda mulher escrava que tem um certo número de filhos, recebe a sua carta de alforria.”
(*Cartas de Forth Rouen*, enviado e en-



*Escravos endomingados, do Visconde da Pedra Branca,
segundo copia de daguerreotipo, comunicada pelo
Conde de Barral, bisneto do poeta*

carregado de negocios de França, de passagem na Bahia, em 1847, *in* "Journal de la Société des Américanistes", nova série, t. IV, n. 1, 1907, *in* Rev. do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, t. 57, p. 545). Seu bisneto, o Conde de Barral, ainda conserva copia de daguerreotipo em que Pedra Branca fez fotografar escravos' seus, festivamente vestidos.

Aos grandes tambem foi bom amigo: Filinto Elisio; a depois Marqueza de Alorna; o Dr. Vicente Navarro, illustre professor da Faculdade de Medicina; seus camaradas a quem faz versos; Miguel Calmon, que quisera para genro... a todos contempla com lembranças ou legados, ou versos, ou o trato ameno de sua amizade. Mello Moraes dedica a sua edição dos "*Túmulos*" às Irmãs de Caridade de São Vicente, que seu amigo ajudara a trazer à Bahia.

Essa nota difusa de ternura também é romântica...

A leitura deste ensaio, o poema d'*Os Tumulos*, as poesias transcritas do seu livro, fazem fé, com as notas românticas da moda literária de então, que são extraídos deles por documento.

À Bahia, ao Brasil, honrou Pedra Branca pela ação, pela inteligência, pelo sentimento. A Academia Brasileira o distinguiu como patrono, de uma poltrona de correspondente. Esta reivindicação importa à nossa história literária: cabe, pois, nas publicações acadêmicas.

Bem haja, a Domingos Borges de Barros, Visconde da Pedra Branca...

AFRANIO PEIXOTO.

Reprodução fac-similar de alguns poemas do autor, pelo estilo, assunto e côm local, demonstrativos da influência romântica sobre o poeta, em 1825, data de publicação de seu livro.

POESIAS

OFERECIDAS

ÁS SENHORAS BRAZILEIRAS,

POR UM BAHIANO.

TOMO PRIMEIRO.

PARIS,

CHEZ AILLAUD, LIBRAIRE.

QUAI VOLTAIRE, N^o 21.

MDCCCXXV.

(12)

A NOITE

No mar em 1810 indo de França para New-York.

Tu dos amantes silenciosa amiga,
Que d'Amor os misterios apadrinhas,
Mais deces, quam difíceis.

Tu de quem o silencio favorece
Meditações profundas; que do sabio
Hes o tempo querido.

Engrossa as trevas, enegrece as ondas,
Noite, outr'ora de risos companheira,
Sé hoje de suspiros.

Teu manto de brilhantes semeado,
Que me aprazia contemplar outr'ora
Em pensativo arroubo;

Do teu astro essa luz tão maviosa,
Que aos meus os olhos do meu bem mostrava,
Mais do que'la suaves.

Os fagueiros melindres, os carinhos,
Mais brandos que de Zefiro o bafejo
Que te adoça no estio,

(13)

Prazeres e tão vivos, e tão varios,
Quaes em cores os circulos que cingem
De Cinthia a redondeza ;

Favores que avarento cala o peito,
Qual o silencio teu então calava,
D'elles só testemunha ;

Ah! não me lembres, não, mudem-se ó Noite,
Doces momentos em tristonhas horas,
Em lagrimas os risos.

Ó despotas d'amor divinos olhos,
Lingua do coração, sim, eu te amo,
Diceste antes que os labios.

Como d'amor pintaveis os enlevos,
Extasis que sem vós dentro no peito
Abafados ficarão ?

Augmenta-se o prazer, prazeres dando ;
E vós da amada delatando os gozos
Juntaes ao nosso os d'ela.

Mais o pejo esconder procura os gostos,
Mais indiscretos sois, doces traidores
D'amorosos segredos.

(14)

Em languidos requebros quando.... Oh! longe,
Longe moles lembranças, que enfraquecem
O peito nos perigos.

Ancioso pela patria, a patria busco :
Quaes d'ela são meu braço, e a vida, sejam
Meus pensamentos todos.

Ó Noite, manda favoraveis auras
Que o espaço encurtem : Ah! ja são mui longos
Tão miseros errores.

A SAUDADE

indo de França para os Estados-Unidos d'America
em 1810.

ODE.

Tu que n'auzencia privações disfarças,
Na enganoza atração levando amente
Aos sitios da ventura,

Que minoras o mal, nos ais que exhalas,
E sabes dár ás lagrimas que vertes
Agradação do gozo.

Vem querida Saudade, espelho fido,
Em que Amor ante os olhos da lembrança
O bem passado offrece.

Ó venturosa Lua que os lugares
Vás de meus gostos ver, este suspiro
Toma, e n'eles derrama.

Dize-lhes onde estou; que só me deixas
Por tristes companheiras, noite, vagas,
E o desabrido noto.

(16)

Vai, dos formosos lumes de Marilia,
O sono pouco a pouco desprendendo,
E languidos abrindo,

Vai, e n'esse momento perguiçozo,
Em que os requebros do celeste corpo
Vires, mal acordado,

Dize-lhe docemente, porem n'esse
Mudo falar que os labios não conhecem,
Que os olhos só comprehendem,

Dize-lhe!... a tirania com que matas
He mui doce ó saudade! basta, vai-te,
Se me não deixas, morro.

Ó d'auzencia cruel querida amiga!
Tão vivas recordar gratas memorias
Bem he, peor que o mal.

He dar amargo fel em taça de oiro;
Dobra o mal do infeliz do hem o aspecto,
Basta, não mais saudade.

(33)

A MELANCOLIA.

No mar indo do Rio de Janeiro para a Bahia
1815.

ODE.

CHAME embora prazer a mente stulta
O enfadonho motin das sociedades,
Imagine gozar quando se aturde
Na importuna alegria.

O perfeito prazer mais que do gozo
Deixa á pós si delicia duradoira,
Que longo tempo a mente saboréa:
No gozo a d'ele expira.

Em quanto da illusão se nutre o vulgo
Oh! como he doce junto á clara fonte,
No verde manto do Salgueiro envolto,
E Marilia na idea,

Ver a macia luz que Cinthia espalha,
O bafejo sentir com que Favonio,
Do bosque silencioso agita as folhas,
Convidando os suspiros!

(34)

Se um barco alveja então sulcando as aguas,
E se vai pouco a pouco separando,
Do apartamento imagens que desperta,
Poem no quadro a Saudade.

Mimosa companheira da ternura,
Do mal ao bem passagem feiticira,
Suave agitação, em qu'alma goza
Sem esse afan do jubilo.

Prazer que tens de dór feições mui fracas,
A tristeza te apraz, os ais te agradão,
São gostozas as lagrimas com tigo,
Doce Melancolia.

Só delicado espirito aprecia
A delicia que dás, tu não te mostras
A escura multidão de humanos rudes,
E vulgares amantes.

Mais queres do que amigo, terna amiga,
No coração de quem meiga te entornes,
Mais delicada, melhor sabe a lingoa
Que dilata as delicias.

As tuas misturar sabe uma lagrima,
Que filtra ao coração: da frauta sente
Os maviosos sons, que suspiravão
Metastassio, e Tibulo.

(35)

Suave Lilia assim passei com tigo,
Quando depositava no teu peito
Uma vez os desdens, outra as meiguices
Que Marilia me dava.

Sempre que te husquei, consolo tive,
Contando-te meus gostos duplicavão,
Eas magoas repartindo, nos carinhos
Minoradas sentia.

Em pranto beijo os maviosos versos,
Que fino tacto, e as graças te dictarão;
Do espirito a polidez, d'alma a candura
N'eles saudoso admiro.

Porque fora dos máos, os bons unidos
Qual nos Elisios, cá, viver não podem?
Porque he forçozo, ó Lilia, que dos mares
O espasso nos separe?

Arte divina que a distancia ilude,
A escrita, ó Lilia, supra-nos as vozes,
Sempre, sempre de ti, dos teus me fala,
E as vezes de Marilia.

(36)

A GRATIDÃO.

No mar em 1813.

ODE.

PARA fazer o bem ternura basta,
O dó despertão do infortunio as queixas,
Ao bem fazer nos leva oculta força,
Que a desgraça acompanha.

Tal prazer se experimenta o bem fazendo,
Que he fazer mal a si privar-se d'ele;
Longe dos homens coração de ferro,
Se o que digo não sentes!

E nem da ingratidão, para disfarce
Do gelado egoismo, armar-te busques;
Não fora tão gostosa a humanidade,
Se os ingratos não fossem.

Melhor que o bem fazer so tu conheço
Ó nobre Gratidão! Se hes menos doce,
Do heimefeitor o aspecto olhar sem pejo,
Tem do sublime assomos.

(37)

Fas superior a outro o beneficio,
A idéa de inferior fere a philaucia,
Exaspera o equilibrio mal guardado,
Da balança da sorte.

Ensovalha o favor se vem do orgulho,
Abafa a gratidão; se vem do honesto
Delicadeza o enfeita, alegre, e perde
Do favor o ressabio.

O pobre não coteja os seus farrapos
Có brocado do rico se o merece,
Da bem fazoja mão a esmola aceita,
Qual don da divindade.

He tão bello em segredo ornar de pranto
O beneficio, quanto ao que o recebe
Co a voz da gratidão alto dize-lo.
Assim ambos se honrão.

A VIRTUDE.

Indo do Rio de Janeiro para a Bahia. 1813.

ODE.

O homem co' a invensão supera o bruto,
O impulso das paixões co a razão doma,
Amor o faz humano, a honra proba,
Ornalhe a mente o estudo.

Mas no olvido dos seculos a morte
Tudo some, se vós porção do Eterno,
Vós qu'ao Eterno semelhaes o homem,
Não lhe endeuzaes o espirito.

Da omnipotencia a Mão sinto elevar-me,
Fora me julgo da fraqueza humana,
Quando falas virtude; e ao mesmo Eterno
• Cuido tocar de perto.

Se a força ao cadafalso o justo arrastra,
Cahe das mãos do juiz das leis a espada,
Córa a injustiça, treme a tirania,
E ant'ele réos parecem.

(39)

O perigo, a miseria ant'ele embora
A enorme catadura açanhe, afeie,
Baqueie o mundo embora, entre as ruínas
Serenos altea a frente.

A seu mal impassível, terno ao d'outrem
Não goza se outro sofre, a dór espreita
E os bens que fás com lagrimas ornando,
Nunca insulta o infortunio.

De-rojo, quando vil serpeja o crime,
Brilha, qual resplendor de luz celeste,
Na eterea região o espr'ito a deja
A tudo sobranceiro.

O que ao vulgo deslumbra desdenhando,
Da Fortuna ouro-pel, n'adversidade
De fingidos amigos não espanta
O refalsado rosto.

Sem ti nobres paixões se tornão vícios,
He conluio a amizade, amor licencia:
Grasna o remorso se emudece o crime
No peito do perverso.

(40)

Na vida o máo do bem goza arremedos,
Na morte os crimes em tropel o esmagão;
Todo he remorso então : có a morte o justo
Melhor vida recebe.

He da vida no termo, he na desgraça
Que desfeitos do engano os vãos fantasmas,
Chorando os devaneios, porem tarde,
Pela virtude exclama.

(41)

A AMIZADE.

Indo do Rio de Janeiro para a Bahia, no mar 1815.

ODE.

SUAVE inclinação d'alma sensível
Do sabio apreciada, e mais querida
Do homem virtuoso.

Tu que do amigo ao lado o gosto augmentas
E a poucas o pezar : mimo do Olimpo
Carinhosa Amizade,

Do puro coração deleite, e vida,
Irmão d'Amor; sem venda, sem archote
Sem agro de ciúme.

Mais do que amigo, só conheço amiga :
De seu sexo meiguices privativas
A Amizade requintão.

O amigo he outro eu, no amigo existo
E o laço encantador que as almas prende,
Es tu nobre Amizade.

(42)

N'Amizade o favor desaparece
São gostoso dever os sacrificios
Tudo merece o amigo.

Para salvar o amigo o pr'igo esquece,
A sanha da desgraça afronta , e a morte
O animo sublime.

(187)

ODE

Recitada a os 12 de outubro de 1823.

No incauto povo os crimes embebia
Por labios embusteiros enfeitados,
Maculando a fagueira Liberdade
Demagogia astuta.

As mimosas feições, as lindas formas,
Do viçozo Brazil, já se afeavão,
Sob as sanguentas garras com que ancioza
A Anarchia o empolgava.

As Maens choravão já, tremia o espozo,
Os degraos do patibulo a Virtude
Contava já, e aos urros da revolta
Jubilava o perverso.

Lá cahe o Imperio de aluïdas bases!...
No ameno Vale, na floresta virgenã,
Lá se estende o ribombo surdo, e rouco
Do mugido do crime.

(188)

Rasgado o coração !... ai! Pedro! Pedro!
Morre, se tardas, o Brazil, acude!
Defende-lo juraste , o voto cumpre,
Se não , aos ceos insultas.

Onde os punhaes? eo halito empestado,
Que em negra nuvem sobre nós pezava?
Eis o céu azulado, o ár suave
Que dá vida ás delicias.

Salve! querido Brasileiro dia?..
Tu , que em dote ao Brazil seu Pedro deste.,
No circulo dos Evos perguiçoço
Volve, puro , e risonho.

(Este poema está no II tomo das "Poesias").

**Reprodução fac-similiar
da parte publicada do poema**

OS TUMULOS

no II volume das "Poesias".

POESIAS

OFERECIDAS

ÁS SENHORAS BRAZILEIRAS,

POR UM BAHIANO.

TOMO SEGUNDO.

PARIS,

CHEZ AILLAUD, LIBRAIRE,

QUAI VOLTAIRE, N^o 21.

MDCCCXXV.

PARTE DO POEMA INTITULADO

OS TUMULOS.

Feito pelo Autor, á morte de seu filho.

Fontenay-aux-Roses, 1825.

LONGE risonhos engraçados sitios ,
Frescos ribeiros, auras perfumadas.
Esfriou nos meus labios o sorrizo,
Nos meus olhos as lagrimas secarão.
Foi-se athe de chorar triste consolo.
Gravosa idéa o espirito acobarda ,
Quebra-me as forças ; já não vivo , existo ;
No futuro morri , morrendo o filho.
He mansão minha o olvido, que vingado
Via em virtudes , que no filho abrião.
Meiga filhinha , virtuosa esposa ,
Orfans com migo , iguaes na desventura
Vinde um adeus dizer ao irmão, ao filho.

(194)

Á noite cede o sol a etherea via;
Longe de vãos prazeres, vamos juntos,
Por entre sepulturas vagueando.
Amargoso consolo vem, saudade!

Palida fria luz derrama, ó Phebe!
Sentidas queixas, triste gorgendo,
Desate suspirosa Philomela.
Mirtos, ornai amantes venturosos,
Em torno amim Ciprestes mil negregem.

Um ai alheio o misero consola,
Ninguem um ai me dá, ninguem me escuta!...
E compaixão procuro?... anhele a morte:
A morte he refrigerio da desgraça,
He para o justo a noite d'um bom dia,
A morte espanta só quando pensada,
A morte he nada, a eternidade he tudo.

Cercado estou de tumulos.... abri-vos
Reino da morte, abrigo do infortunio!
De chimeras caducas desengano.
Erguei-vos mestas, pavorosas loizas!
Ossos mirrados, lividos despegão,
Fetidas carnes, podres ligamentos,

(195)

Que impuros vermes em silencio pascem ;
Ascosos restos de formosas formas.

Eis os profundos admirados sabios,
Os Reis altivos, grandes, e timidos !
Nem teus visos Beleza aqui se estremão.
Igual poeira dão, cajado, e septro,
Os farrapos do pobre, e a regia purpr'a ;
Na sepultura tudo se confunde ;
Tudo assim passa, a morte acaba tudo.
Da umana vida a aurora, e o ocaso tocão.
He como a luz a vida, apaga-a um sopro.
Sabemos vida ter porque sentimos,
Vem de fora o sentir, a vida he nada.

A pós honras serpeai rasteiros entes,
Esse raio apagai que vence a morte,
A virtude : e depois notai os tumulos !

De inconsolavel Maen oiço os queixumes !...
Sombra querida, do querido filho !
« Meu amor, meus desvelos, nada pode !...
« Meu Deos, tanta oração, tão puros votos,
« Tudo baldado foi !... Mais não augmenta
« Um espr'ito celeste a gloria tua,

(196)

- « E perdi no meu filho a gloria minha.
« Se mais era que humana a prenda amada,
« Porque o fizeste assim, para roubar-mo ?
« Para todos tão bom, es máo com migo ?...
« Que mal te fis meu Deos ?.. Porem que vejo!
« Oh! quanta luz deviso! vejo as fontes
« Do eterno incomprehensivel!.. eis meu filho!..
« Filho adorado vem, córre à meus braços!
« Olha o seio infeliz de que naceste,
« Olha estes peitos que te derão leite,
« Conhece aquela vós que os sons primeiros,
« A formar te ensinou, que te chamava
« Para teus jogos; tua Maen conhece:
« Dos teus primeiros gostos companheira,
« Companheira fiel nas tuas dores.
« Quem te bejava quando ao pobre davas,
« Quem te bejava quando o ámor da patria,
« Vinha do coração no infantil fogo.
« Quem esquecendo o alimento, o sono,
« Junto ao leito da dór constante viste.
« Quem pela vida tua, dera a vida.
- « A cada passo um nobre monumento
« Do que serias, filho, vem matar-me;
« Ó Brasil! ó Bahia! ó patria nossa!
« Chorai meu filho, que um Heroe perdestes!

(197)

« Nem o materno amor me cega : digão
« Quantos o virão , qual a nossa perda.

« Dias de angustia assim porque fugistes ?
« Vinde outra vez , trazei minha esperança ,
« Trabalhos mil com ela , embora venhão.
« Deos, ou dai-me o meu filho, ou dai-me a morte.»

D'um pai nenhum trabalho as forças quebra,
Quando se vé na prole continuado.
A filha move sentimentos brandos,
O filho eleva para a gloria o brio.
O filho he outro ele , alem da tumba
Vé remocarem as fadigas suas :
Do filho no esplendor, no por vir goza.
Lá vai seu nome de laurée ornado.
O movel principal de humanos feitos,
O amor proprio, se dilata, e farta.

Ah ! como foges mentirosa esperança !
O doirado futuro como embaça
O halito da Morte ! Vãos projectos !
Já da verdade o espelho formidavel,
Mostra o que são do terra os bens caducos.
Que mais aspira o pai , que mais dezeja ?
No futuro morreo , morrendo o filho !...

(198)

Hymeneo que de flores coroadado
Sua dita fazia, he seu tormento :
A dór lhe dobra da consorte as dores.
Fita a querida lamentosa esposa ,
Vé do filho as feições , não vé seu filho.

Ali brincava, aqui lia com migo ;
Este desenho he seu, eis sua letra !
Cobrem a meza insulsas iguarias.
Junto-amim se sentava.... onde ! onde !
Ai ! como do consorcio o tecto amado ,
Cobrindo o casto amor , aflige agora !
Ai ! quanto fujo de mirar a esposa !
Leio em seus olhos o que n'alma sinto ,
E sei que os meus lhe stão dizendo o mesmo
Nem eu, nem ela pronunciar ousamos.
Partem do peito os ais, dos olhos pranto.
São ambos desditosos , mais se querem ,
E porque muito amão , temem-se ambos :
A saudade os separa, amor os chama.

Tu meu thesoiro, filha suspirada ,
Da vida alento , que tremendo adoro ;
Que transcendes no espr'ito tanto a idade ,
Qual teu irmão, precoce !... vai-te idéa !...
Como no frio, no forçado rizo

(199)

Com que para alegrar-me , o mal disfarças ,
Minha alma punges , com doçura amarga !
Constranjo o rosto á desmentir o peito.
Esse terno cuidado que desvia ,
De nossos olhos , do irmão perdido
Os moveis favoritos , os brinquedos ,
A cústosa atenção com que o não chamas !...
Teu doce agrado me envenena avida.
Oh ! alma , de minha alma , ó minha filha ,
Vem á meus braços , vem , chora com migo ;
Não temas do irmão dizer o nome ;
Eia , de pranto nossa dór fartemos.
Ainda a vida em flor , inocentinha ,
Ignoras o prazer , e a dór conheces ?
Ahi a tens , guardai-a , ó Providencia !
Porque sem ela suportára a vida ?
A filha existe.... a vida te agradeço ;
Agradeço o meu mal , he bem da filha.

Sacrificios humanos não te bastão ?
Sacrificio ahi tens com que não posso ,
Ahi tens meu filho morto : tenra planta
Longe do clima seu , medrar não pôde.
Patria , longe de ti , por ti sofria.
Balança o amor da patria , o amor paterno :
Que mais querem de mim ? mais sofrer posso !...

(200)

Quebradas forças, animo abatido
 S'inda podem prestar-te, ansiada patria,
 Qual meu vigor te dei, dar-te hei o resto:
 Com que ufania te legava o filho!
 Ó quanta n'ele tu perdeste gloria?
 Ouve-lhe a vós extrema, e extremos votos;
 Eles quebrarão junto do meu peito.
 « Vinde a mim Caros paes, nada de pranto,
 « Pouco tenho de vida, ó paes! bejai-me....
 « Minha irmãa onde está? quero abraça-la.
 « Pois que ao Brasil servir me não foi dado,
 « Aumenos saiba que por ele morro.
 « O que o Brasil me deu, o Brasil tenha:
 « Não, não deixem meu corpo em terra estranha,
 « Entreguem-me ao Brasil... ultima graça...
 « Eu fui bom filho. Adeos! » e um ai! meu filho!
 Sombra adorada, assim o Heroe, o justo
 No fim de longa vida o mundo admira:
 Pia resignação, corage heroica,
 Serenidade sempre inabalavel
 No sofrimento, e mesmo athe desprezo.
 Assim que de afeição via os indicios,
 Voava a gratidão sempre em seus labios.

Porque outrem não sofresse, impunha ás dores;
 Com suas proprias mãos curava as chagas!

(201)

As bem fazejas mãos qu'inda estou vendo
Erguidas para o ceo, a Deos orando.
Inda me sóa n'alma a vós quebrada,
« He baldado pedir, o ceo me chama. »
Inda o que dice seu retrato vendo :
« Perdeis o original, guardaes a copia »
Inda.... e he religião sofrer?... não posso.
Quanta vés os gemidos sufocando,
Sobre o chagado corpo quantas vezes,
O meu corpo estreitando, a mão convulsa
Desfalecida já, secou meu pranto;
E com frio sorriso procurava
Unr consolo me dar, forçando a angustia?
Com a patria sonhava: e quando a febre
Abalava, pungia o assento d'alma,
Era para exaltar o amor da patria,
A saudade dos seus, o amor paterno.
Se ao Brasil não servio, morreo por ele.
Nem aumenos ó ceo! lhe deste o gosto,
De ver, morrendo, a patria libertada!
Da Divindade arcano impenetravel,
Inda na infancia, e ja virtude tanta!...
Tinha dez annos!... Religião, conforto.

Sagrada habitação d'alma celeste
Lamentoso penhor, tristes reliquias!

(202)

Não, não sereis entregue a terra estranha.
Vivo com nosco tu perigrinaste,
Morto acompanharás nossos erros.

Ó tu que encerras, urna respeitosa,
O puro coração do infante puro,
Para tanta virtude estreito stadio:
Aquele coração tão compassivo
Tão bom, tão santo, além da idade sua....
Urna que encerras da bondade o templo,
Do desditoso pai te banhe o pranto.
Dá que te abrace em quanto a alma ao corpo.
« Á seus pais, e ao Brasil » doce verdade,
Que me lãscera o peito, ai!... já não sente,
Imovel, frio!... nunca mais teu rizo!...
Tua vós nunca mais? oh! filho! filho!
O halito de Deos, alma divina,
Á Deos voltou no mundo não cabia.

FIM DO TOMO SEGUNDO.

OS TUMULOS

(Publicado, em parte, em 1.^a edição nas “*Poesias*”, Paris, t. II, pags. 193-202; em 2.^a, completamente, por Mello Moraes, Bahia, 1850, um vol. 40 pags.; em 3.^a por F. A. de Varnhagen, 1853, Madrid, de pags. 203-225, do 3.^o vol. do “*Florilégio da Poesia Brasileira*”.)

OS TUMULOS

(Prefacio do Dr. Mello Moraes à 2.^a edição, da Bahia, 1850, tipografia Carlos Poggetti, um vol. in-8.^o, grande, 40 pags.)

O poema que sob o titulo *Os Tumulos*, publico eu hoje, é uma das mais belas produções literarias, que temos n'este genero, do Exmo. Sr. Domingos Borges de Barros, Visconde da Pedra Branca. (*)

Estudava eu as humanidades, quando ás mãos me vierão os dous voluminhos das obras do illustre poeta, e tanto gosto tomei, que me servirão de licção á muitos respeitos. Conhecia, que um

(*) Nascido á 10 de Dezembro de 1779 no Engenho S. Pedro; e hoje conta 71 annos de idade.

vazio ficaria em nossa litteratura, se o nobre Visconde, deixasse incompleto o poema, que ora sahe á luz da publicidade. Correrão os tempos, e aprouve a Deos, que interesses communs (as Irmãs de Caridade) ligassem-me ao eximio poeta, e quando havia ganho o favor de sua amisade, pedi-lhe instantemente o resto do poema, á completar o que se havia impresso. Minha exigencia foi acolhida, e teve despacho o meu desejo, quando mal eu esperava.

Em dias de molestia recebi (**)

(**) Illmo. Sr. Dr. A. J. de Mello Moraes. — As graças que V. S. de mãos postas, e de joelhos deu á Divina Providencia, lá não chegarão sós, forão com ellas as que d'aqui subirão ao céo pela conservação da preciosa vida do amigo dos pobres, do homem infatigavel no bemfazer. Nem cuide que em nossa prece faltarão votos pela vida e prosperidade da irmã da caridade, que lhe adoçou os grandes soffrimentos, guardando pae a duas innocentinhas, dando-lhes exemplo de amor conjugal, e plan-

tão grato presente, e na verdade nada veio tão oportuno á suavizar as dores,

tando-lhes no coração, os respeitosos e doces sentimentos femininos. Sœur Luiza e seu marido, se unem a mim para agradecer a nossa digna irmã, a conservação d'aquelle, que tem nossa veneração. Deos seja louvado!

Quer V. S. a força de bondade, vencer a repugnancia que tive sempre, e ainda mais agora, que melhor me conheço, de vêr meu nome correr impresso, acompanhado de versos, que em minha consciencia não lhe descubro merecimento! Versos só excellentes são suportaveis; o poemeto os tumulos, são a expressão da saudade de um pae, e um esposo sobrevivendo á esposa e ao filho, e somente podem agradar, a quem se achar nas circumstancias do versejador; se fossem ter com esses, eu diria que se imprimissem, mas irão ter com todos, e poucos ha n'aquelas circumstancias. Se nossa povoação fosse grande, eu diria imprima por minha conta, e o producto seja para nossas irmãs, mas nada disso é, e o que obriga a esquecer é a bondade com que V. S. me captiva, essa sympathia que entre nós se desenvolveu, e tanto me honra.

Se bem me lembra ha na tal versalhada — da eternidade no fiel deposito, tudo está, achase tudo o que existiu, e existe — n'essa crença acho eu o que quer que seja, sobre os fios com

que a lição edificante e saudavel, que me forneceu o poema Os Tumulos.

O illustre Visconde, o amavel cantor das virtudes da mulher, queria que as dores de seu sensivel peito, não se avivassem mais; queria que, de sua lira

que a sympathia enlação — o fallecido Dr. Antonio de Moraes Silva, que era tio de V. S., foi o meu primeiro mestre, morou em nossa casa que pertence hoje ao Sr. Pedroso por compra, quando elle era juiz de fóra da Bahia e eu aprendia á lêr; o amor com que me elle tratou passaria em sympathica herança oa sobrinho?

Quem acabou de tanto soffrer deve poupar sua attenção, basta. Deixemo-nos, assim horrorisados, por desastrosa epidemia que vae matando por cá tambem, de quanto não é socorrer a quem soffre, e recorrer á Deos — Esperemos pela bonança, que se segue á tempestade, então de animo socegado trataremos de cousas agradaveis, e até de mais versos; sou

De V. S.

Amigo affectuoso, venerador obrigado

Pedra Branca.

Engenho S. Pedro 26 de janeiro de 1850.

de oiro, os sons divinos não lhe arrancassem do coração as justas saudades de seu perdido filho, do seu amor, ou mais ainda, do seu esperançoso futuro: porém que! se de um lado isto queria o coração, a patria exigia o sacrificio da dôr: — dôr e sacrificios se experimenta e se fazem, pelo amor e pela patria. Amor e patria, é o tudo do homem.

DR. MELLO MORAES.

*

Todas as notas deste texto, a seguir, são de Mello Moraes.

OS TUMULOS (1)

(1) O que é um Tumulo? Sobre a terra (não ha cousa tão solemne!) é uma expressão que não mente, que exprime em um só vocábulo, a criação e a eternidade; o nascimento e a morte; o principio e o fim; as glorias transitorias e chimericas do mundo, e o silencio sem fim! um Tumulo, é o desengano da vida, é a verdade eterna, que se levanta contra o orgulho do homem; é a expressão sublime da grandeza do Eterno! Oh! como é solemne, a vista de um Tumulo! Como a verdade alli se mostra, sem atavios nenhuns! E o que exprime mais descanço derradeiro da vida? O nada do homem?...

Homem, o que és sobre a terra? Que do teu orgulho, de tua vaidade; onde estão tuas paixões, teu querer, tuas acções, o teu poder?! Para que te servio teu oiro? Onde está tua espada, teu diadema, teu sceptro? O que és sem Deos? Encara, se podes, para um tumulo sem religião!

A morte, é igual para todos; quer seja rei, quer plebeu; quer rico, quer mendigo; ella é a niveladora dos homens, e no tumulo, tudo se ha de confundir, e não tornar mais! Expressão de desengano és tu ó tumulo! sobre ti só tem poder o Eterno; nada é capaz de doirar-te? A somma de beneficios que se praticou, em summa, a caridade.

CANTO I

LONGE risonhos engraçados sitios,
Frescos ribeiros, auras perfumadas.
Esfriou nos meus labios o sorriso,
Nos meus olhos as lagrimas secarão.
Foi-se até de chorar triste consolo.
Gravosa idéa o espirito acobarda,
Quebra-me as forças; já não vivo, existo;
No futuro morri, morrendo o filho. (2)

(2) Principia o Poeta, este lindissimo e philosophico Poema, possuido dos mais tristes e lamentaveis sentimentos d'alma, por ver que de encontro á lage do sepulchro, o seu amor, o seu mais risonho futuro, foi bater á eternidade.

Um filho, é o tudo de um pai extremoso, nelle encherça o seu porvir glorioso, e considera-se reproduzido á viver no futuro. Quando estas idéas alimentavão a existencia paterna, e

É mansão minha o olvido, que vingado
Via em virtudes, que no filho abrião.
Meiga filhinha, virtuosa esposa,
Orfans comigo, iguaes na desventura
Vinde um adeus dizer ao irmão, ao filho.
Á noite cede o sol a etherea via;
Longe de vãos prazeres, vamos juntos,
Por entre sepulturas vagueando.
Amargoso consolo vem, saudade!

Palida fria luz derrama, ó Phefe!
Sentidas queixas, triste gorgendo,
Desate suspirosa Philomela.
Mirtos, ornai amantes venturosos,
Em torno a mim Ciprestes mil negregem.

cuidava o pai, seguro em seu futuro, a morte
frusta-lhe a esperança, e sem mais conforto
falla do intimo d'alma:

Gravosa idéa o espirito acobarda,
Quebra-me as forças; já não vivo, existo;
No futuro morri, morrendo o filho,

Um alheio o misero consola,
Ninguem um ai me dá, ninguem me escuta!...
E compaixão procuro?... anhele a morte:
A morte é o refrigerio da desgraça, (3)
É para o justo a noite d'um bom dia,
A morte espanta só quando pensada,
A morte é nada, a eternidade é tudo.

Cercado estou de tumulos... abri-vos
Reino da morte, abrigo do infortunio!

(3) E' no infortunio que bem se sabe apreciar o poder de Deos; — é alli que se conhece o nada das cousas deste mundo; e que se conhece, que tudo creado por Deos tem um valor sem conta. A morte, que parece ser a ultima das graças que experimenta o homem, no infortunio ella é ás vezes o mais desejado bem: tudo tem o seu dia de utilidade! até à propria morte! Egezias (o philosopho) entre as materias sobre que lecionava, era demonstrar á seus seus discipulos a vantagem da morte, e os males da vida, isto é, pregava ser mais feliz o homem que morria, que o que sobrevivia no infortunio. — Quereis exemplo vo-lo dá no infortunio um Napoleão em seu degredo, e outros, memorados pela historia.

De chimeras caducas desengano.
 Erguei-vos mestas, pavorosas loizas!
 Ossos mirrados, lividos despegão,
 Fetidas carnes, podres ligamentos,
 Que impuros vermes em silencio pascem;
 Ascosos restos de formosas fórmãs. (4)

Eis os profundos admirados sabios,
 Os Reis altivos, grandes, e temidos!
 Nem teus visos Belleza aqui se estremão.
 Igual poeira dão, cajado e sceptro,
 Os farrapos do pobre, e a régia purp'ra;

(4) A philosophia, que em todo este poema aparece ligada com os mais tristes e melancolicos sentimentos d'alma, realça tanto e com tamanha expressão, que direito e sem preambulo se encaminha ao coração a abater-lhe o orgulho vaidoso. — Como é sublime e edificante a lição conciza d'estes quatro versos! Quantas verdades não incerrão! Depois da morte nada é mais o homem, que podridão e miserias.

Ossos mirrados, lividos despegão,
 Fetidas carnes, podres ligamentos,
 Que impuros vermes em silencio pascem;
 Ascosos restos de formosas fórmãs,

Na sepultura tudo se confunde;
Tudo assim passa, a morte acaba tudo. (5)
Da humana vida a aurora, e o ocaso toção.
É como a luz a vida, apaga-a um sopro.
Sabemos vida ter porque sentimos,
Vem de fóra o sentir, a vida é nada.

Após honras serpeai rasteiros entes,
Esse raio apagai que vence a morte,
A virtude: e depois notai os tumulos!

De inconsolavel Mãe oiço os queixumes!... (6)
Sombra querida, do querido filho!

(5) Estes versos são uma imitação, ou versão livre e mui galante dos seguintes de Horacio: —

Pallida mors aequo pulsat pede pauperum
[*tabernas,*
Regumque turres, etc., etc.

(Ode 4. lib. 1.º).

(6) Não satisfeito de suas dores, o poeta no arfar dos sentimentos faz fallar o coração materno (a Exma. Snra. Viscondeça da Pedra

“Meu amor, meus desvelos, nada pôde!...
“Meu Deos, tanta oração, tão puros votos,
“Tudo baldado foi!... Mas não augmenta
“Um esp’rito celeste a gloria tua,
“E perdi no meu filho a gloria minha.
“Se mais era que humana a prenda amada,
“Porque o fizeste assim, para roubar-m’o?
“Para todos tão bom, és máo comigo?
“Que mal te fiz, meu Deos?... Porém que vejo!
“Oh! quanta luz diviso! vejo as fontes
“Do eterno incompreensível!... eis meu filho!...
“Filho adorado, vem, corre a meus braços!
“Olha o seio infeliz de que nasceste,
“Olha estes peitos que de derão leite,
“Conhece aquella voz que os sons primeiros,
“A formar te ensinou, que te chamava
“Para teus jogos; tua Mãe conhece:

Branca, D. Maria do Carmo de Govêia Portugal) na vehemencia da afflicção e da dor, pedindo á Providencia a restituição de seu filho! E tem razão: as vezes Deos attende as preces sinceras e ingenuas do coração materno.

“Dos teus primeiros gostos companheira,

“Companheira fiel nas tuas dores.

“Quem te beijava quando ao pobre davas,

“Quem te beijava quando o amor da patria,

“Vinha do coração no infantil fogo.

“Quem esquecendo o alimento, o somno,

“Junto ao leito da dôr constante viste.

“Quem pela vida tua, dera a vida.

“A cada passo um nobre monumento

“Do que serias, filho, vem matar-me;

“Ó Brasil! ó Bahia! ó patria nossa!

“Chorai meu filho, que um Heróe perdestes!

“Nem o materno amor me cega: digão

“Quantos o virão, qual a nossa perda.

“Dias de angustia assim porque fugistes?

“Vinda outra vez, trouxe minha esperança,

“Trabalhos mil com ella, embora venhão.

“Deos, ou dai-me o meu filho, ou dai-me a morte.”

D'um pai nenhum trabalho as forças quebra,

Quando se vê na prole continuado.

A filha move sentimentos brandos,
O filho eleva para a gloria o brio.
O filho é outro elle, além da tumba
Vê remoçarem as fadigas suas:

• Do filho no esplendor, o porvir goza.
Lá vai seu nome de laurêa ornado.
O movel principal de humanos feitos,
O amor proprio, se dilata, e farta.

Ah! como foges mentirosa esperança!
O doirado futuro como embaça
O halito da morte! Vãos projectos!
Já da verdade o espelho formidavel,
Mostra o que são da terra os bens caducos.
Que mais aspira o pai, que mais deseja?
No futuro morreu, morrendo o filho!...
Hymeneo que de flores coroadado
Sua dita fazia, é seu tormento:
A dôr lhe dobra da consorte as dores.
Fita a querida lamentosa esposa,
Vê do filho as feições, não vê seu filho.

Alli brincava, aqui lia comigo;
Este desenho é seu, eis sua letra!
Cobrem a meza insulsas iguarias.
Junto a mim se sentava... onde! onde!
Ai! como do consorcio o tecto amado,
Cobrindo o casto amor, afflige agora!
Ai! quanto fujo de mirar a esposa!
Leio em seus olhos o que n'alma sinto,
E sei que os meus lhe estão dizendo o mesmo.
Nem eu, nem ella pronunciar ousamos.
Partem do peito os ais, dos olhos pranto.
São ambos desditosos, mais se querem,
E porque muito amão, temem-se ambos;
A saudade os separa, amor os chama.

Tu meu thesouro, filha suspirada, (7)
Da vida alento, que tremendo adoro;
Que transcendes no esp'rito tanto a idade,
Qual teu irmão, precoce!... vai-te idéa!...

(7) A Exma. Snra. Viscondessa de Barral.

Como no frio, no forçado rizo
Com que para alegrar-me, o mal disfarças
Minha alma punges, com doçura amarga!
Constranjo o rosto á desmentir o peito.
• Esse terno cuidado que desvia,
De nossos olhos, do irmão perdido
Os moveis favoritos, os brinquedos,
A custosa atenção com que o não chamas!...
Teu doce agrado me envenena a vida.
Oh! alma, de minha alma, ó minha filha,
Vem a meus braços, vem, chora comigo;
Não temas do irmão dizer o nome;
Eia, de pranto nossa dôr fartemos.
Ainda a vida em flor, innocentinha,
Ignoras o prazer, e a dôr conheces?
Ahi a tens, guardai-a, ó Providencia!
Porque sem ella supportára a vida?
A filha existe... a vida te agradeço;
Agradeço o meu mal, é bem da filha. (6)

(8) Apesar da dor profundissima e acerbada do coração, vemo-lo aqui resignado e cheio de religião levantar os olhos humidos do pran-

Sacrificios humanos não te bastão?
Sacrificio ahi tens com que não posso,
Ahi tens meu filho morto: tenra planta
Longe do clima seu, medrar não pôde.
Patria, longe de ti, por ti soffria,
Balança o amor da patria, o amor paterno:
Que mais querem de mim? mais soffrer posso!
Quebradas forças, animo abatido
Qual meu vigor te dei, dar-te-hei o resto:
Com que ufania te legava o filho!
Ó quanta n'elle tu perdeste gloria?
Ouve-lhe a voz extrema, a extremos votos;
Elles quebrárão juntos do meu peito.
“Vinde a mim, caros paes, nada de pranto,
“Pouco tenho de vida, ó paes! beijai-me...
“Minha irmã onde está? quero abraça-la.

to á Divina Providencia, possuido de gratidão
a entregar-lhe a sua joia mais querida. A poe-
sia christã rica de sentimentos grandiosos e su-
blimes ao passo que deleita, conforta o espirito
no infortunio, e edifica-o na esperança de me-
lhor vida.

“Pois que ao Brasil servir me não foi dado,
“Ao menos saiba que por elle morro.
“O que o Brasil me deu, o Brasil tenha;
“Não, não deixem meu corpo em terra estranha,
“Entreguem-me ao Brasil... ultima graça...
“Eu fui bom filho. Adeos!” e um ai! meu filho!
Sombra adorada, assim o Heróe, o justo
No fim de longa vida o mundo admira:
Pia resignação, corage heroica,
Serenidade sempre inabalavel
No soffrimento, e mesmo até desprezo.
Assim que de affeição via os indicios,
Voava a gratidão sempre em seus labios.
Porque outrem não soffresse, impunha ás dores;
Com suas proprias mãos curava as chagas!
As bemfazejas mãos qu'inda estou vendo
Erguidas para o céu, a Deos orando.
Inda me sôa n'alma a voz quebrada,
“É baldado pedir, o céu me chama.”
Inda o que disse seu retrato vendo:
“Perdeis o original, guardais a copia”
Inda... e é religião soffrer?... não posso.

Quanta vez os gemidos suffocando,
Sobre o chagado corpo quantas vezes,
O meu corpo estreitando, a mão convulsa
Desfallecida já, secou meu pranto;
E com frio sorriso procurava
Um consolo me dar, forçando a angustia?
Com a patria sonhava: e quando a febre
Abalava, pungia o assento d'alma,
Era para exaltar o amor da patria,
A saudade dos seus, o amor paterno.
Se ao Brasil não servio, morreu por elle.
Nem ao menos ó céo! lhe deste o gosto,
De ver, morrendo, a patria libertada!
Da Divindade arcano impenetravel,
Inda na infancia, e já virtude tanta!...
Tinha dez annos!... Religião, conforto.

Sagrada habitação d'alma celeste
Lamentoso penhor, tristes reliquias!
Não, não sereis entregue á terra estranha. (9)

(9) O Sr. Domingos Borges de Barros

Vivo comnosco tu peregrinaste,
Morto acompanharás nossos errores.

Ó tu que encerras, urna respeitosa,
O puro coração do infante puro,
Para tanta virtude estreito stadio:
Aquelle coração tão compassivo
Tão bom, tão santo, além da idade sua...
Urna que encerras da bondade o templo,
Do desditoso pai te banhe o pranto.
Dá que te abrace em quanto a alma ao corpo.
“A seus pais, e ao Brasil” doce verdade,
Que me lascera o peito ai!... já não sente,
Immovel, frio!... nunca mais teu rizo!...
Tua voz nunca mais? oh! filho! filho!
O halito de Deos, alma divina,
Á Deos voltou, no mundo não cabia.

filho, morreu em Paris, no dia 5 de Fevereiro de 1825 com 10 annos de idade; alli foi embalsamado e transferido para a villa de S. Francisco, e depois para a capella do engenho São Pedro, onde actualmente jaz.

CANTO II

MEMORIA, o que és tu? bem, ou tormento?
Porque lembras a dor, sem dar-lhe allivio,
E o prazer porque se mais não torna?
Rodage intellectual o pensamento,
Á despeito de nós, ou marcha ou pára;
Dá-lhe impulso, invisivel movimento.
Potencia d'alma, é no teu crepusculo
Onde antigas lembranças, vão perder-se.
Eu peço ao coração minhas lembranças,
É vivo tabernaculo que guarda
Os nobres, os felizes sentimentos;
Não mente o coração, falha a memoria:
Tende a memoria á obscuridade, ao nada,
O coração á luz; tende á Deos mesmo.
Lembrança, tu por quem revive o homem
Na passada existencia; espelho magico

Que reflectindo os casos, os objectos
Emprestas essa vaga poesia
Dos vislumbres suaves da existencia:
O longe, a ausencia, gerão esperança,
Que sem ella o porvir fôra martyrio.
Sombra querida do querido filho,
O amor de teus pais cumprio teus votos,
E satisfez o nobre teu desejo;
Elle um dever sagrado nos impunha;
Teu corpo não consome terra estranha,
Está na terra de que foi formado,
Entregue ás auras que lhe derão vida:
Essa terra, essas auras, teus encantos.
A luz que te animava, e ver cuidaste
Do Brasileiro sol na hora extrema,
Quando a ultima voz que nos chamava
Repetio balbuciando "DEUS E PATRIA"
"D'outro sol, d'outra terra nada quero,
"De meu paiz té gosto dos defeitos;
"Estrangeira pronuncia emitem outros,
"Meu assento Bahiano guardei sempre,

“É lembrança dos sons da minha infancia :

“Não, não deixem meu corpo em terra d’outros.”⁽¹⁰⁾

Da fallaz illusão em seus enganos
Cuido abraçando o ar, tocar sua alma.
Do orbe o espaço attrahe o pensamento,
Qual o abysmo ao que n’elle mette a vista.
Como os corpos, o espirito procura
De seu ninho as caricias os costumes.
Quer a côr de seu céu, quer os seus astros.

(10) Ao passo que lia estes versos, ricos de sentimentos nobres e de amor da patria, veio-me á lembrança o que sobre o mesmo objecto disse Gresset: —

Soit instinct, soit reconnoissance,
L’homme, par un penchant secret,
Cherit le lieu de sa naissance
Et ne le quitte qu’à regret;
Les cavernes hyperborées,
Les plus odieuses contrées
Savent plaire à leurs habitants;
Sur nos délicieux rivages,
Transportez ces peuples sauvages,
Vous les verrez moins contents.

Ode 2 — 1.º v. p. 176.

Dos Tropicos a planta se estiola,
Morre abafada de pezadas nuvens,
Que de seu claro sol os raios furtão.
Qual filante meteóro, faiscando
Na etherea via seu phosphorio lume,
Assim foi seu espirito entranhar-se
N'abobada azulada em facho d'oiro,
E largar uma lagrima suave
Que infiltra o coração, e a dor adoça.

Lá do fóco da luz, centro das forças,
Em derredor das quaes os mundos girão,
Lá na mansão do justo, e da innocencia,
Ao Todo Poderoso ó filho leva
A nossa, a tua fervorosa prece,
Pelo nosso Brasil, por nossa gente.
Quanto aos olhos do pai o filho agrada!
Quantos virão o meu, bençãos lhe derão.

Homem de bronze manda o filho á morte, (11)

(11) Bruto, conta-nos a História Roma-

E se parceiros tens, heróe te chamem,
Se da vida cortando o fio a morte
Nos matasse a saudade, esse agro-doce,
Esse laço que prende o vivo aos mortos,
Como vivera o pai, morrendo o filho?
O filho que seu pai leva ao futuro;
Continuação do pai, do nome, e feitos,
O passado, o porvir, tudo está n'elle.
Arrancando de nós parte da essencia,
E a viver obrigando-nos, oh! fora
Decreto horrivel de poder tremendo!...
Onde me arrasta a dor? perdão! piedade!
Dor que blasphema não é dor, é raiva.

Seja qual fôr a mão, qual a barreira
Que de meu caro filho me separa,
Hei de tornal-o a vêr, a alma não morre,
Sopro de Deos, é como Deos eterna.
Só o que é falso, e máo é impossivel.

na, embriagado no amor da patria, manda de-
capitar seus filhos!

Revelações as vezes tem nossa alma
Do que ha de acontecer, nós não só vemos
Pelos olhos do corpo; mysteriosos
Mais penetrantes são d'alma os sentidos,
Quando a fim prematuro declinamos.
Quantas vezes erguendo as mãos e os olhos
Para a imagem da immaculada Virgem,
Seu angelico aspecto, me enlevava!
Punha seu coração em sua prece.

Da pia contrição necessidade
A prece é, a prece é o perfume
Que só deve incensar de Deos os passos.
Devota relação de Deos com o homem,
Meio glorioso de tratar com o Eterno,
Cadeia que suspende o pensamento
Dos mundos, e que os prende á Divindade:
Delicia, allivio d'existencia afflicta,
Privilegio sem par com que podemos
Em lampejos de luz, á furto a vista
Pôr no horizonte de futura vida;
Vida sem fim, e não essa que marca

Oscillações de pendulo, e que passa
Como a roda do carro, que rodando
Encurta o espaço; e nem como da nave
A prôa que após si as vagas deixa;
Goso do coração, goso da mente;
Eu sinto a prece elevar-se ao Empirio
Qual das flôres o aroma, qual das aves
A maviosa voz que o bosque alegre:
O fresco orvalho qu'em neblina sobe,
Da madrugada as roupas branqueando,
Do fino aljofar enfeitando Flora:
Macia viração, do quasi dia
Do sol inda furtiva claridade,
No sombrio do templo magestoso, —
Madrugada gentil c'os teus encantos
Acorda a devoção nos entes todos:
E toda natureza a Deos festeja,
Respeitozo holocausto offerecendo
Em carinhoso avelludado sopro,
Em suaves aromas, puros cantos
Que são da prece o som, que sahe do peito.
As funestas idéas se esvaecem

Com a noite que foge, despertando
A mimoza da vida, a Esperança.
De sublimes prodigios enlevado
Scintilantes espiritos divinos
Em religioso arrobo o pensamento,
Entrar por todo eu, sinto devoto,
E creio absorto na immortalidade.

Quando empenhos incred'lo porque obtenhas
D'um Rei, e d'um Ministro uma audiencia!
Com que anhelos o colloquio de uma Bella?
A prece é o colloquio, é a audiencia
Do Senhor dos Ministros, Reis e Bellas.

E tu impio o que vês em tanta gloria?
Em tanta luz, em tanta maravilha?
Se teus olhos se offuscão, miseravel!
Tua fraca razão o que te mostra?
Olhos que Deos não veem, vendo o Universo!
Recorre n'afflicção ao teu acaso:
Tu que da prece o lenitivo arredas.
Lá vem do desengano a fatal hora,

Vem o remorso, roubo do socego,
Rasgar-te o peito co' viperio dente.
Aquele que ao supplicio sobrevive,
Traz ante os olhos o supplicio sempre.
Furta-lhe a consciencia a sombra d'elle.
Atheo, dize em que pões tua ventura,
Patria, amigos, familia que te importão?
Sem religião o que é Sociedade?
Que nexo pode haver que ligue os homens?
Se a virtude co'vicio se confundem
Se o bem premio não tem, castigo o crime?
Tanta filaucia em si é insolencia
Que insulta a natureza, inverte a ordem.
Porque ha-de trabalhar quem nada espera?
Para quem nada espera, tudo é nada:
Quem um fito não tem sabe ser homem,
Sabe amor o que é, sabe o que é patria?
A coração de lama do que valem
Carinhos de hymeneo, mimos da prole;
Esse tecto que cobre respeitozo
Casto conchego, paz, amor, delicias?
Que é tão deserto quando falta o filho!

Impio quem te formou? foi teu acaso,
Teu acaso o que é? palavra ôca,
Refugio d'ignorante soberbia.

Dizes que não ha Deos, e existe o acaso!
Ha obra sem author! eia responde!
Eu adoro o meu Deos, tu o que adoras?
Tão nobre sentimento não conheces
Infeliz! que te pões a par dos brutos:
Seremos fumo que se vai nos ares?
Um fantasma será essa potencia
Que inventa, que compõe? O que é o homem?
Quem fez a luz qu'o oriente inunda,
E estende esse horizonte immensuravel?
Foi para em um momento confundir-nos
E nas trevas do nada submergir-nos?
Quem alçou esses picos que o sol doira?
Desdobrou esse immenso espaço de aguas?
Quem ordenou que o coração batesse,
Sem que se explique o espirito pensasse?
Amizade, e amor são meros ditos?
São meros ditos, honras, patriotismo?

Teu Deos são algarismos e phenomenos,
Tua revelação a natureza,
Teu Evangelho, tua Biblia o instincto?
Se crês no instincto, e crês na natureza,
Porque não crês em Deos, se Deos é tudo?

Eia mostra o que sabes, das sciencias
Cuidas subir os grãos, e nunca chegas
Ao ultimo que toca á Divindade.
No ronco do trovão que a terra aballa,
E no rouco ribombo o ar estruge,
No fuzil do relampago que silva,
No raio que crepita, offusca, e estala,
No mugido do mar, rolando irado,
No vento que sibila, zune, e açouta,
Um poder sobr'humano não descobres?
D'onde dos astros vem o brilho, e o curso,
D'onde do mar o fluxo e o refluxo?
Vês nas sementes arvores e fructas,
E raças d'animaes da terra, e d'agua?
Do céo, da terra na serenidade

Não vês a imagem na rizonha noite
D'essa eterna verdade de que os homens
Turbar não podem a divina fonte?

Tu que só crês nos corpos, porque os tocas,
E que negas do espirito a existencia,
Vem ao albor d'aurora ver os campos,
Olhar quanta alegria o sol difunda,
Sentir da flôr no aroma, de Favonio
Affaveis beijos que fugaz espalha;
Tocas a luz, os cheiros, a alegria?
E negarás seus mimos deleitosos?
Se os sentidos falhando, a crença é erro,
E se engana a razão, feliz engano,
Que faz mirar ao longe uma ventura.
A mundana fortuna transitoria
Outra melhor fortuna não promette?
Qual a terra do orbe fragmento
Attesta, e aos olhos apresenta os mundos?
O desejo constante que nos segue
É de feliz futuro uma promessa:
Felicidade, dom não é da terra,

Tem origem no céo, e não se perde:
Ha um eterno amor, cuja faisca
O nosso é, e vai lá confundir-se
Nos profundos arcanos de onde veio.
Da eternidade no fiel deposito
Tudo está, dores, lagrimas, prazeres,
Acha-se tudo qu'existio e existe.
Quem medir póde a orbita grandiosa
Da sublime divina intelligencia,
De que nós somos minima parcella?
Sem attingir, sentindo o infinito,
Absorto perante a magestade,
Em tal apprehensão vendo o que vales,
Ajoelhado adora, pede, e espera —
Seu presente o desejo não preenche,
É que o porvir o quer que seja occulta,
O thesouro de Deos guarda o futuro;
E o que espera tem d'elle alguma graça;
Do feliz a expressão gostosa é *Hoje*,
Como o frio *Amanhã*, pertence ao triste;
Amar é quando o coração admira,
Admirar é quando o espirito ama;

Quando é completo o amor é paciente
É absoluto, e julga-se perpetuo.

Progresso e fim reprodução demonstrão
Nada é perfeito, tudo é transitorio,
Tudo acaba e revive, o homem mesmo
Que ufano cuida ser de Deos imagem,
Seria eterno se perfeito fôra.

Deos é mysterio, adoração, grandeza,
Omnipotencia, amor, justiça, gloria,
Termo não qu'exprime o inexplicavel.
Tentem sophismo, pedantismo embora,
Trocando uns termos, inventando outros,
Explicar o que a mente não alcança.
Ente rasteiro pára em tua esfera,
É de tua razão curto o limite,
D'essa razão além, tudo é delirio.

Entes dos entes quem negar-te ousa?
Para em mim contemplar-te, eu fecho os olhos,
Sentindo humilde a fraca humanidade,

N'um enlevo de luz curvado adoro
E beijo a madre terra, que nos nutre.

Apezar dos esforços da impostura,
E futeis devaneios da filaucia,
Em nossos corações conserva a crença,
O sentimento religioso ainda,
Nos habitos, nos usos, nos costumes.
Nas tradições que a Fé tem consagrado,
A sempre-viva flôr inda se colhe;
Inda viva essa pia reverencia
Qu'ao aspecto da Cruz curva os joelhos.
Desvairados espiritos nutridos
De ficções mentirosas de demencia
Riscar da consciencia em vão pretendem
A convicção de um Deos, refugio amigo
De quem, soffrendo, pega-se á Esperança.
É a Fé, a Esperança realisada,
A Fé sustenta, a Esperança anima,
A Caridade une consolando. (12)

(12) Depois de haver demonstrado sa-

Vanglorioso sofista não arrosta
Do seu Talvez tremendo a hora horrivel;
Não, um Talvez não é a vida eterna.
Sem Fé, sem Esperança a existencia
De desesperação fôra o martyrio,
E a suspeita seus olhos envesgando
Olhára de través o juramento,
Os laços de familia, os d'amizade:
Respeito ás leis, dever, direitos de homem,
Promessas, convenções, palavra de honra,
Forão ludibrios em falaces termos:
De seu chefe o soldado duvidoso
Ao rufo do tambor largára as armas,
Nem fiado no Medico o doente
Tocára a taça que saúde encerra.
O duvidoso estado a paz espanca
Nem ha satisfação quando ha suspeita:
Sem Fé, sem crença, o animo fraquea,

biamente a existencia de Deos e a necessidade
do Culto Divino por meio da oração, passa o
nosso philosopho a tractar de trez virtudes
christãs, e o que seja uma Irmã de Caridade!

Sem caridade o coração esfria,
Apaga-se esse fogo sacrosanto
Que no seu bemfazer a Deos imita:
Murcha da vida a flôr, por Deos plantada —
Vós que Mães deshumanas engeitárão,
Negando-vos um seio amaldiçoado,
D'onde o materno amor fugio de pejo,
E vós qu'a morte deixa em orfandade,
E vós pela doença acabrunhados,
Vós honradas ruinas mutiladas
Pela ira do ferro, e das bombardas,
Victimas da miseria e do abandono,
Erguei ao céu as mãos esperançosas.
Nas Filhas d'esse heróe da Caridade;
Firmes na Fé, obstaculos não conhecem
Deixando paes, irmãos, amigos, Patria;
A sua patria é lá onde outros soffrem.
Dos mares desdenhando as tempestades,
De zelo caridoso apoderadas,
Vem amimar o filho abandonado,
Dar meiguices de Mãe ao orfãozinho,
Ao que chora, uma lagrima sentida;

De conforto um sorriso ao moribundo,
N'essa muda expressão, nesse segredo
Que a mulher só conhece, e a dôr percebe.
De paciencia, de bondade imagem,
Vós que do coração sabeis os trilhos,
Vós virtude em acção, mulheres santas,
Vinde, da caridade Irmãs benignas,
Por vós espera o desvalido, o pobre,
O soffrimento, a dôr, doença, e fome:
Vinde, o Brasil vos chama abrindo os braços
Vinde, acceitai do pobre a hospedagem,
Ella é do pobre o simples agazalho.
A dôr mais que a ventura as almas liga,
Melhor do que gosar, é soffrer juntos.
A paz e a experiencia da velhice
São adornos que lhe ganha estima,
Dão-lhe respeito as cans, sciencia o estudo
É a velhice junto á juventude,
Sombra da tarde na manhã viçosa.

Da influencia do clima, e seus productos
Tão ricos n'este prodigo hemispherio,

Quanto d'estrellas é o céu que o cerca
Pedi ao ancião lições proficuas,
Mil segredos á analyse inda occultos,
“Pois inda que em scientes muito cabe,
“Mais em particular o experto sabe.”

Tu dos impios terror, gloria dos justos
Ó Morte! porque em flor e tão mimosa
E tanto azinha me roubaste o Filho?
Avarenta dos bons, mais alguns dias
Porque não déste ao pai, para mirar-se
Gosando o melancolico reflexo
D'esse olhar que diz mais do que a palavra
D'esse olhar que calara no meu peito?
D'esse sereno aspecto, essas mãos juntas
Por seu Paiz orando, aos céos erguidas?
Nem vacilaste ouvindo os ais pungentes
Do Pai, da Mãe, e a supplica innocente
Da tenra irmã chorando o amor fraterno?
Porque a foice, ó Brasil, não desviaste
D'um digno filho que esperava a fama?
Não sabias que joia te furtava?

Uma porção de mim, de mim sumio-se,
Só metade da vida me acompanha,
Minão meus dias afflicção, saudade;
Como é vazio o mundo sem meu filho!
A dôr do coração aggrava tudo.
Fôra um deserto o Eden, quando fosse
N'elle a separação dos que se amárão.
A demora entre a perda e a esperança
Grato intermedio é que nos foi dado,
Para enganar o mal, bem como aos olhos
No golpe do machado, e som que o segue:
Assim tendo perdido quem amamos
Dura a prolongação d'essa miragem,
Como quando do Sol fitando o occaso
O astro já sumido no horizonte,
Sentem-se inda seus raios que esclarecem,
E cuida-se inda vêl-o radiando
Longo tempo depois dentro da idéa,
E só depois que pouco a pouco apaga
É que julgamos ter em fim morrido;
E a morte o que é? Sumiço, olvido.
Mas do filho a lembrança acaba nunca?

O filho é outro eu, em mim reside
Fôra esquecer-me, esquecendo o filho.

Deixas da morte, restos preciosos,
Reliquias de saudade, eu vos respeito!
Esta é sua letra, sua penna
O coração guiava amor dictando:
Estes erão seus moveis favoritos:
Seus jogos tinham sempre um patrio fito,
Que dêsse a seu Paiz prol e renome,
Testemunhas fieis são seus desenhos.
Seu coração, seus nobres sentimentos,
Tudo era Brasil: como o vi bello
Ante a estatua do nobre mutilado
Terror de Trafalgar, d'Albion gloria,
Mentiroso porvir ancho aspirando,
Pensativo exclamar "sim eu te juro
"Meu modelo serás, hei de imitar-te!!!"
Aqui brincava, alli... leito de angustias
Quanta resignação, quanta ternura!
Do justo a impavidez, a paz do santo.
Quando o espirito do corpo se desprende

Livre soltando da materia os laços,
Fulgurão n'elle assomos de divino:
"Debalde procuraes guardar-me a vida
"Ahi está da morte o espectro, d'olhos fitos,
"C'ò frio dedo aponta a Eternidade."

Saudade esperançosa que disfarças
Os pezares d'ausencia, e a morte iludes,
Que fingida doçura dás ás lagrimas,
Que n'um ai, n'um suspiro dás alivio,
Que desenhás aos olhos da memoria
Meigos abraços, sitios deliciosos,
Os sitios onde bem vivemos juntos,
Onde tranquillos bonançosos dias,
Passavão como o limpido Jacuipe.
Sitios amigos que commigo chorão
Tão alegres então; hoje tão tristes,
Sitios que o nascimento aformoseão,
Arvores que plantamos, esperando
Gosar de vossa sombra, vossos fructos
Tão frondosos estaes, e onde está Elle?
Vós sitios que prodigios celebrárão,

E que em nossos erros visitamos,
E que a fiel lembrança entregue á Fama,
A fama que remoça seus dilectos
Lembrando os genios que lhes derão nome,
Mais um marcára a Brasileira terra
Se a morte... Vai-te embora afflicta idéa,
Saudade, triste enlevo de ternura,
Deixa correr meu pranto, não me roubes
Fagueiras illusões, deixa-as comigo,
Não as tires de mim, são meu sustento;
Ralão-me o coração, e eu gosto d'ellas.
Dão-me frio prazer, mas não se apagam.
Consome-se a memoria dos sentidos,
Mas para a d'alma não existe o tempo,
Esse poder esquecedor de tudo,
Menos da gratidão, patria, amizade.
Vem magia da vida, vem saudade
Co' teu segredo de animar chorando.

O amor que o dever creou no peito,
Que razão e virtude confirmarão,
Um elemento faz de nossa essencia,

Que anciosos buscamos; se o encontramos
A vida é, e se nos foge, é morte:
Dentro do coração existe um molde
Que a sympathia preencher procura;
O meu perdeu-se na Esposa, e onde?...
No tumulto ella jaz em terra estranha!
Onde esse sitio tão sanctificado?
De meus ais, meus suspiros testemunha,
Essa lousa banhada de meu pranto,
E do pranto da filha, quando juntos
Ajoelhados, mudos, e convulsos
Em religioso paternal abraço
Nossa devota prece ao céu subia?
Se longe vos deixei, sagrados restos,
Foi porque lá ficou comvosco a filha,
Penhor de puro amor, penhor querido
Que tu casto hymeneo me confiaste;
Oh! lá não ficareis, eu vou buscar-vos,
Vosso jazigo é junto ao nosso filho;
E se em vida a fortuna nos foi falsa,
Em nossa terra junte-nos a morte.

Se do Destino o Quero inextricavel
Inda uma vez levar-vos, cara filha,
Ao sitio onde perdi Esposa, e Filho,
Ide ao lugar tristonho onde ajoelhados
Confundimos lagrimas e preces;
Lá onde juntos tanto recorreremos
Com respeitoso pé da morte o stadio.
Da virtuosa Mãe faze que os ossos
Aos do Pai e do Irmão venhão juntar-se:
Não, não fique um de nós em terra estranha:
Ella que a seu Brasil idolatrava,
De patrio fanatismo glorioza,
Ella!... Deos de piedade soccorrei-me;
Resignação, conforto no abandono,
Tu coragem da dôr, do justo amiga,
Companheira fiel na desventura
Do que a miseria cobre, que repelles
A desesperação, blasfemias, crimes,
Acode-me co'teu celeste influxo.
Do velho Pai e do viuvo esposo
O frio Adeos perfume de esperança.

Se ao Pai o amor supre o da Patria
Ó minha Patria! Supre a Esposa, e o Filho.
Venturosos esposos, pais felizes
Alegre descuidada mocidade,
Deixai da morte o merencorio stadio:
Festiva gala fuja ao mesto luto
O riso d'alegria insulta ao triste,
Mansão da morte, augusto cemiterio
Tu mostras que são dôr, miseria, angustias
O sustento amargoso da existencia.
Ah! quanto observo em ti, sinto em meu peito:
Não sei que força invicta a ti me arrasta;
A dôr convida á dôr, o pranto ao pranto.
No impassivel silencio dos tumulos
Ante mirrados ossos, fria cinza,
N'essa muda eloquencia do sepulcro,
É que o seu nada reconhece o homem.
As graças, prendas que a belleza enfeitão
As bellas fórmãs qu'encantávão hontem,
O que são hoje? Abri-vos sepulturas.
A vida dos sentidos dura um dia,
As illuzões no feretro se apagão.

E da imaginação as vãs mentiras
Ao clarão da verdade se esvaecem:
O desengano o coração resfria.
Viver, é esperar que a morte chegue.

INDICE

	<i>Págs.</i>
Um precursor do Romantismo	5
Reprodução fac-similar de alguns poemas	45
Reprodução fac-similar de parte d' <i>Os Tumulos</i>	67
"Os Tumulos", versão completa	81

Coleção AFRÂNIO PEIXOTO

*(nome dado às suas publicações pela
Academia Brasileira de Letras, decisão
unânime de 25 de junho de 1931)*

Biblioteca de Cultura Nacional

I — LITERATURA

Prosopopéia, de Bento Teixeira, 1923.

Primeiras Letras (Cantos de Anchieta. O Diálogo, de João de Léry. Trovas indígenas), 1923.

Música do Parnaso. — **A Ilha de Maré** — de Manuel Botelho de Oliveira, 1929.

Obras, de Gregório de Matos: I — “Sacra”, 1929; II — “Lírica”, 1923; III — “Graciosa”, 1930; IV e V — “Satírica”, 2 vols., 1930; VI — “Última”, 1933.

Discursos Politico-Morais, de Feliciano Joaquim de Sousa Nunes (prefácio de Alberto de Oliveira), 1930.

O Peregrino da América, de Nuno Marques Pereira (introdução e no-

tas de A. P., Rodolfo Garcia, Pedro Calmon, Varnhagen e Leite de Vasconcelos), 2 tomos, 1939.

Geórgicas Brasileiras, de Prudêncio do Amaral e José Rodrigues de Melo, trad. de João Gualberto dos Santos Reis, biografias e notas de Regina Pirajá da Silva, 1941.

O Uruguai, de José Basílio da Gama, (edição comemorativa do 2.^o Centenário do Poeta, anotada por Afrânio Peixoto, Rodolfo Garcia e Osvaldo Braga), 1941.

Poesias, de José Bonifácio (Américo Elísio) — Edição fac-similar da 1.^a (1825), com prefácio de Afrânio Peixoto — 1942.

Uma Pagina de Escola Realista, de Castro Alves. Edição fac-similar do autógrafo, com prefácio de Afrânio Peixoto, 1943.

Queda que as Mulheres têm para os Tolos, de Machado de Assis. Edição fac-similar da 1.^a, de 1861, com prefácio de Afrânio Peixoto, 1943.

II — HISTÓRIA

Tratado da Terra do Brasil. — História da Província Santa Cruz — de Pero de Magalhães Gandavo (notas de Rodolfo Garcia), 1924.

- Hans Staden — Viagem ao Brasil**,
(revista e anotada por Teodoro
Sampaio), 1930.
- Diálogos das Grandezas do Brasil**,
(notas de Rodolfo Garcia), 1930.
- Cartas do Brasil**, de Manuel da Nóbrega
(notas de Vale Cabral e
R. Garcia), 1931.
- Cartas Avulsas de Jesuítas (1550-
1568)**, (notas de Afrânio Peixoto),
1931.
- Cartas, Informações, Fragmentos
Históricos e Sermões**, de Joseph
de Anchieta (1554-1591) (notas de
A. de Alcântara Machado), 1933.
- Jesuitas do Brasil e da Índia — do
Padre José Caeiro — texto latino
e português — 1 vol.**, 1936.
- Tácito Português — Dom Francisco
Manuel de Melo**, 1940, introdução
e notas de Afrânio Peixoto, Pedro
Calmon e Rodolfo Garcia.
- A Academia Brasileira de Letras
(Notas e documentos para a sua
história, 1896-1940)**, com prefácio
de Afrânio Peixoto, 1940.

III — BIO-BIBLIOGRAFIA

- Castro Alves**, por Afrânio Peixoto,
1931.
- Euclides da Cunha**, por F. Venâncio
Filho, 1931.

Alvares de Azevedo, por Homero Pires, 1931.

Junqueira Freire, por Homero Pires, 1932.

Luiz Guimarães Junior, por Iracema Guimarães Vilela, 1934.

Lúcio de Mendonça, por Edgar e Carlos Sússekind de Mendonça, 1934.

Artur de Oliveira, por L. F. Vieira Souto, 1935.

Artur Azevedo, por Roberto Seidl, 1937.

Manuel de Araujo Porto-alegre, por Hélio Lobo, 1938.

Gonçalves Dias, por Josué Montelo, 1942.

Raimundo Correia, pelo Cônego F. M. Bueno de Sequeira, 1942.

Francisco Alves de Oliveira, por Edmundo Moniz e Osvaldo Melo Braga, 1943.

IV — INÉDITA

Pedro Luís, *Dispersos*, 1934, por Afrânio Peixoto.

Artur de Oliveira, *Dispersos*, por L. F. Vieira Souto, 1936.

V — DISCURSOS

Discursos Acadêmicos, 11 vols. (1897-1943).

A Academia Brasileira de Letras
não é responsável pelas opiniões ma-
nifestadas nos trabalhos assinados em
suas publicações oficiais.